



2025: chegou o Ano da Serpente

Na Cultura Ocidental, serpentes podem ser interpretadas como sinais de maus agouros – uma visão oposta à dos chineses. E isso tem tudo a ver com 2024 ter ficado no passado. É que na China 2025 é, oficialmente, o Ano da Serpente. E por lá esse signo se associa a "sabedoria, estratégia e intuição".

Pág. 3

Pereira e Sampaio: famílias unidas 'umbilicalmente'

O título desta chamada é uma citação. Numa manhã dessas, enquanto encerrava esta edição do *Sabores & Saberes*, João Pinto de Oliveira pediu destaque ao artigo publicado aqui sobre Ana Quitéria de São Joaquim e João Pereira Sampaio. "Gostaria que frisasse que os Pereira e os Sampaio são unidos umbilicalmente. Suas origens estão atreladas ao mesmo patriarca".

Artigo de nosso colaborador e historiador Vinícius Mata Oliveira, a quem parabenizamos e agradecemos.

Pág. 4

20 DE JANEIRO: DIA DE SÃO SEBASTIÃO

Martirizado em 288 D.C., São Sebastião é padroeiro oficial do Rio de Janeiro. Mas a fé e a devoção em torno do santo é forte em muitos outros territórios, sendo manifestadas com diferentes tradições. "Em diversas localidades, a procissão é acompanhada por carros de boi enfeitados enquanto cavaleiros prestam homenagens ao santo; além de haver bênção dos animais e das colheitas. Este também é um momento especial para recordar tudo o que foi produzido na roça. Assim, barracas disponibilizam pratos típicos da Culinária Rural como milho assado, pamonha, bolos, carne de porco; e bebidas caseiras como licores e cachaça. Leilões e rifas são promovidos para a venda de produtos agrícolas e objetos doados, tudo com o intuito de angariar recursos para a Igreja ou a Comunidade".

Pág. 8

Bolsilivros... Já ouviu falar?

"Existem argumentos denunciando que o brasileiro não sabe ler, não gosta de ler ou não tem oportunidade de ler devido às desigualdades econômicas, sociais e culturais de nosso povo. Isso é um extenso assunto para outros fóruns. Mas na realidade o brasileiro lê pouco, sim. É injusto comparar um país continental com uma cidade. Ainda assim, em termos relativos, Lisboa tem 41.6 livrarias para 100 mil habitantes; Buenos Aires 22.6 e o Brasil 1.46. Em uma sociedade onde um parágrafo com mais de quatro frases, uma frase com mais de quatro orações ou uma palavra com mais de quatro sílabas pode se transformar em um tormento, é bastante instigante lançar o olhar sobre o singular boom de consumo de livros de bolso, ocorrido nas décadas de 60 e 70".

Pág. 12

Minas Gerais e sua relação com engenhos

Terra do Pão de Queijo; terra de gente desconfiada; de sotaque gostoso demais, uai. Não faltam talentos a Minas e seus mineiros, é fato. Mas no Século XVIII, já antecipando a potência que o território se tornaria com os Agronegócios de hoje, MG foi polo na produção açucareira. "Ao atrair grandes concentrações humanas, em especial migrantes lusos (quer por suas lavras, quer pelas atividades agropecuárias, dentre elas a cana), Minas se tornaria o centro econômico da Colônia, para aqui se deslocando o eixo desenvolvimentista em detrimento das zonas açucareiras do Nordeste. A produção açucareira e aguardenteira nas Minas dos séculos XVIII e XIX adquiriria, pois, cabal importância econômica".

Pág. 13

Em 2023, o boletim *Sabores & Saberes* foi cancelado como "projeto que estimula e fomenta o desenvolvimento de uma sociedade sustentável por meio da Educação, Formação e Cooperação". O reconhecimento, de importância nacional, veio do Instituto Sicoob.



PREÂMBULO

ATIVISMO SOCIAL E O SISTEMA EM XEQUE

“O melhor governo é aquele em que há o menor número de homens inúteis” (Voltaire)

O ativismo de vários grupos questionadores é fenômeno emergente, crescente em todo o mundo. Jovens, mulheres, minorias, ambientalistas, pacifistas contestam a ordem vigente, confrontando governos e seus sistemas opressivos, sejam capitalistas ou ditos socialistas. Os questionamentos envolvem o autoritarismo dos governantes, a questão climático-ambiental, a corrupção, o clientelismo, o belicismo, populismo, racismo, xenofobia, fundamentalismo, discriminação étnico, sexual, religiosa e afins.

As redes sociais vem impulsionando as ações e manifestações dos grupos de ativistas que se mobilizam contra o sistema dominante que retira liberdades, viola direitos fundamentais das pessoas e o exercício pleno da cidadania. A sociedade esclarecida, que abandona a inércia, descruza os braços, se mobiliza ante a dilapidação dos recursos coletivos, sejam eles financeiros, ambientais, culturais. Versões da história que nos foram – e nos são – contadas, conspurcadas, ocultadas, desmemorizadas na forma de estereótipos, inverdades, manipulações serão remodeladas e as identidades múltiplas de nosso passado e presente nos indicarão o caminho da inclusão, da afirmação cidadã, inovação.

Políticas rentistas, seculares, de agiotagem dos recursos públicos, ao invés do zelo pelo erário, de promoção dos interesses do povo. Um mundo de aparências, rostos e consciências maquiadas, currículos e perfis falseados, biografias adulteradas, o reino da farsa, fake news. O estado, com seu intervencionismo e rapinagem, é o culpado pela desgraça social dos indivíduos no dizer de Ayn Rand em sua obra “Revolta de Atlas”. Tema tratado por vários outros autores, em diversas épocas, como Murray Rothbard (obra “Anatomia do Estado”), Ludwig von Mises (“Seis Lições”), Frederic Bastiat (“A Lei”). É a teoria da força bruta e cujo resultado é sempre sinônimo de fracasso, em que o cidadão só pode contar consigo.

Entre nós, exemplo clássico de nossa mediocridade, nossa violência estatal está reproduzido nos livros de Lima Barreto (1881-1922), mormente em seu romance “Numa e Ninfa”, uma crítica sombria à sociedade de falatrões, ao bacharelismo que nos administra, nos corrói. O autor desfila, minuciosamente, o rol de vícios de uma sociedade de aparências, hipocrisias, a institucionalização da injustiça, privilégios, conchavos, poderes putrefatos. Personagens caricatos, componentes de um sistema social, incluso o Estado, onde as relações são falsas, deterioradas, preconceituosas quando não simplesmente fúteis. Um enredo onde gerações são chafurdadas na ignorância pelo sistema colonialista que nos oprime, há meio milênio.

Eis a violação, o aviltamento, o apossamento pelo Estado de nossa cidadania, nossa autonomia. A perversão, a injustiça, a espoliação praticadas em nome da lei e pela lei, formulada esta por legisladores manipulados e manipuladores que se beneficiam do chamado “direito adquirido”, um sofisma, um embuste que corrompem todo o sistema.

Os sotaques burlados, as placas de intolerância, de preconceitos que nos obnubilam o roteiro serão derrubadas pelos ventos da liberdade. O lançar fora o medo de questionar, de perder algo, o valorizar nossas raízes, afazeres costumeiros, a reflexão, o estender pontes de solidariedade, refundar a travessia.

Adivinhas/Charadas

- 1- Quem é o rei dos queijos?
- 2- Qual o herói tinha uma pequena sobremesa?
- 3- O que acontece se chover achocolatado?
- 4- Para onde o mamão vai nas férias?

Respostas: 1- O Requeijão; 2- O Thor tinha; 3- A gente se molha todinho; 4- Papai



Provérbios e Adágios

- Onde vai o cachorro, vão as pulgas
- Cachorro velho não late à toa
- Burro velho não toma tino nem ensino
- Muitas vezes o pisar freio é uma forma de caminhar

Para refletir

- *Só não morre aquele que escreve um livro ou planta uma árvore; com mais razão não morre o educador, que semeia e escreve na alma.*
(Bertold Brecht)
- *Uma cidade sem seus velho edifícios é como um homem sem memória.*
(Leandro Silva Teles)
- *Errar uma nota é insignificante; tocar sem paixão é imperdoável.*
(Beethoven)
- *O espírito do amor é insondável, ele é também invasão, revelação, visita. Ele age sem forma assim como a verdade.*
(Lao Tsé)

HUMOR CAIPIRA



Dois famosos adversários políticos daqueles birrentos coronéis do interior, donos de currais eleitorais, representantes do colonialismo até os dias atrás (vamos denominá-los Cel. Mandão e Cel. Dominador) encontram-se casualmente na barbearia da cidade, sendo atendidos de pronto, pelos barbeiros.

Enquanto eram atendidos pelos eficientes profissionais, nenhuma palavra trocada entre os fregueses, tidos como de pávio curto. Da mesma forma os barbeiros se mantiveram de boca fechada e de bico calado.

Barba terminada, praticamente ao mesmo tempo, o barbeiro prepara-se para passar uma loção no rosto do Cel. Mandão, este se recusa: – Nada de perfume, minha mulher vai sentir o cheiro e pensar que eu estava num bordel.

– E o senhor quer loção? Perguntou o outro barbeiro ao Cel. Dominador.

– Ué, pode passa, sim. Minha muié não sabe o que é cheiro de bordel. Ela nunca trabalhou lá.

Bem, o caldo engrossou e dizem que a barbearia até hoje está em reformas.

Expediente



credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

O boletim é iniciativa independente, popular, voluntária. Assim, precisa do apoio de São Tiago e região; de pessoas comprometidas com o desenvolvimento e a preservação da memória coletiva. Contribua conosco! Somando esforços, multiplicamos Cultura e Tradição.

Comissão: Adriana Martins, Elisa Coelho, Fabiana Diéle
Coordenação: Ana Clara de Paula
Redação: João Pinto de Oliveira
Colaboração: IHG – São Tiago
Apoio: Maria Luíza Santiago de Paula
Revisão: Fábio Caputo e Sandra Caputo
Jornalista Responsável: Marcus Santiago (MTB 19.262/MG)

Ano Novo Chinês 2025: o Ano da Serpente

Descubra as previsões e energias do Ano Novo Chinês 2025, o Ano da Serpente, e como aproveitar ao máximo essa fase

Por Adriana Di Lima

O Ano Novo Chinês 2025 é o Ano da Serpente, com características do elemento Madeira com sua polaridade Yin.

Diferentemente do calendário que seguimos no Brasil, o Ano Novo Chinês não começa no dia 1º de janeiro. Na verdade, ele tem duas datas que podem variar anualmente, conforme o calendário lunissolar.

Neste artigo, você aprende quando é o Ano Novo Chinês 2025 e as previsões para este Ano da Serpente.

Data do Ano Novo Chinês 2025

O Ano Novo Chinês tem sempre duas datas. A primeira data, vista pelo calendário lunar, ocorre no dia **29 de janeiro de 2025**.

Essa data é importante para a agricultura e marca as celebrações populares de Ano Novo na China, fundamentais para sua identidade cultural, como os tradicionais festivais e rituais que estimulam as boas intenções para o novo período.

A segunda data do Ano Novo Chinês é 03 de fevereiro de 2025, seguindo a referência do calendário solar. Para a Astrologia Chinesa, neste dia o Sol passará pelo 15º grau do signo de Aquário, oferecendo uma precisão maior do que o calendário lunar.

Por isso, a Astrologia Chinesa Ba Zi e o Feng Shui Tradicional Chineses consideram o dia 03 de fevereiro como início do Ano Novo Chinês da Serpente.

Ano Novo Chinês: o animal de 2025

No zodiaco chinês, cada ano está associado a um dos doze animais (os signos chineses) que compõem um ciclo de doze anos.

Cada signo tem suas próprias qualidades e traços de personalidade que influenciam as características das pessoas nascidas em seu ano, além de indicarem as principais energias e previsões para cada ano.

Assim, seguindo o ciclo, o Ano Novo Chinês 2025 tem a energia da Serpente. Sinônimo de sabedoria, estratégia e intuição, este signo é conhecido por sua mente aguçada e pela capacidade de tomar decisões rápidas e eficazes.

A Serpente se destaca, ainda, pela perspicácia e pelo poder, com um ar misterioso que exerce influência nas ações. Além disso, se manifesta nas filosofias e nas artes, operando como formas de expressão.

Todas essas características se refletem nas previsões no próximo ano, como veremos a seguir.

Previsões do Ano Novo Chinês

A Serpente traz uma energia de introspecção e reflexão para o Ano Novo Chinês 2025, incentivando todos a explorarem seu eu interior e a buscarem novos conhecimentos.

Diferentemente do expansivo Ano do Dragão que tivemos em 2024, a elegância apresentada pela Serpente pode encantar nossa percepção, nos fazendo pensar que as coisas estão mais tranquilas ou sob controle.

Mas isso pode ser uma ilusão, já que podemos ser controlados por esse encantamento de energias externas sem perceber.

A Serpente também traz um desejo inato de liberdade intelectual. Por isso, as pessoas serão impulsionadas a questionar normas e tradições, desafiando o status quo em busca de novas referências.

Além disso, a intuição, uma das características mais marcantes deste signo, será uma aliada poderosa, ajudando a guiar decisões e a traçar caminhos que estejam mais alinhados com os valores pessoais.

Relacionamentos no Ano da Serpente

Esse ano também é uma oportunidade para fortalecer as conexões interpessoais. A Ser-

pente, embora muitas vezes associada à solidão, também reconhece a importância das relações significativas.

No amor, há grandes chances de relacionamentos serem fortalecidos com a abertura para o conhecimento do novo. Mas sempre a partir da capacidade de cada um de se conhecer e entender que a vida é movimento.

Trabalho e dinheiro

Com a estratégia e análise perspicaz que a Serpente oferece, as maiores oportunidades na carreira e nos negócios poderão surgir a partir dessa dinâmica.

Se conseguirmos alinhar a energia do ano com as nossas ações, os resultados tendem a ser muito mais positivos e com menos esforço. Além disso, poderemos manter a vitalidade para dar conta de toda a demanda e desafios que devem surgir.

Saúde no Ano Novo Chinês da Serpente

O novo ciclo pede foco no autocuidado e equilíbrio emocional. Com a energia da Serpente, as pessoas são incentivadas a adotar abordagens mais holísticas para cuidar de si, equilibrando corpo e mente ao longo do ano.

A introspecção e a reflexão pessoal estarão em alta, permitindo que as pessoas identifiquem o que realmente beneficia sua saúde física e mental.

Mundo

A energia do Ano da Serpente pode se apresentar em cada cenário de forma muito mais estratégica do que foi 2024. Isso porque há mais condições diplomáticas que possibilitem atenuar conflitos entre nações e até quem sabe, evitar que se iniciem.

Elemento Madeira

Além do signo, a Astrologia Chinesa interpreta a energia de cada ano a partir de arquétipos de 5 Movimentos do Qi, conhecidos como 5 Elementos ou Wu Xing.

No Ano Novo Chinês 2025, a energia predominante será a da Madeira Yin, que ficará mais forte nos primeiros 6 meses do ano, criando um ambiente propício para o autocuidado e a exploração de novas possibilidades.

A Madeira também tem uma forte ligação com a saúde e o bem-estar. Este elemento promove a cura e a vitalidade, sugerindo que as pessoas devem prestar atenção à saúde física e emocional.

Ao longo do Ano da Serpente, teremos a energia de outros elementos:

De agosto a outubro: Elemento Fogo estimula a criatividade e traz força para sua imagem.

De outubro a dezembro: Elemento Metal traz clareza e estratégia, favorecendo a tomada de decisões e o planejamento eficaz.

De dezembro a fevereiro de 2026: Elemento Terra proporciona estabilidade e cuidado, ideal para refletir sobre as escolhas feitas ao longo do ano e consolidar aprendizados.

Polaridade Yin

À Serpente e à Madeira, somamos a polaridade Yin. Enquanto o Yang está relacionado à luz, ao calor e à ação, o Yin é associado à escuridão, ao frio e à reflexão.

No contexto do Ano da Serpente, a energia Yin sugere um período de introspecção e autoconhecimento. Por isso, em 2025, essa polaridade convida todos a olharem para dentro de si, explorando suas emoções e pensamentos mais profundos.

Além disso, a energia Yin se relaciona com os movimentos de manutenção e cuidado, enfatizando a importância de nutrir relacionamentos e conexões emocionais.

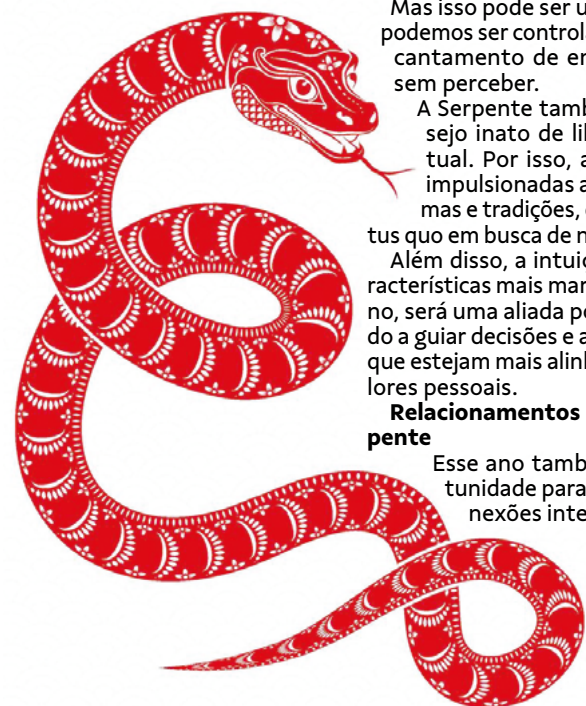
Durante este ano, as interações com os outros serão fortalecidas quando baseadas na compreensão e na empatia.

A polaridade Yin também traz à tona a importância de cuidar do meio ambiente e da natureza. Com a influência da Madeira e do Yin, o Ano Novo Chinês 2025 é um chamado para que as pessoas sejam mais conscientes de seu impacto no planeta.

Essa energia nos inspira a agir de maneira sustentável e a valorizar a beleza do mundo natural ao nosso redor.

A energia da Madeira estimula não apenas o cuidado com o corpo, mas também a importância de criar um ambiente harmonioso ao nosso redor, que favoreça o bem-estar.

Compreender esses padrões em nossa vida é um passo importante para a assertividade das nossas escolhas e para a realização delas. O estudo da Astrologia Chinesa, através do seu Mapa Pessoal, pode revelar descobertas incríveis no misterioso Ano da Serpente.



João Pereira de Sampaio e Ana Quitéria de São Joaquim Antigos povoadores de São Tiago

Vinícius Mata Oliveira

Tem passado, até então, despercebidos pela história registrada de São Tiago, os nomes do casal João Pereira de Sampaio e Ana Quitéria de São Joaquim. Isso se deve, certamente, à pouquíssima documentação que sobre eles chegaram até nós, ou que ainda continua escondida em arquivos, esperando para ser resgatada.

Apesar da obscuridade, é certo que são antepassados de milhares de santiaguenses, e não só, de outros inúmeros descendentes que se espalharam pela região. Ouso dizer que o casal será tronco da família mais numerosa da cidade, os Pereiras Santiagos, como veremos a seguir.

Sobre as origens do casal, o que se sabe é graças à Inquirição de Genere do filho, o Pe. João Caetano de Sampaio. João Pereira de Sampaio era natural da freguesia de Santo Adrião de Santão, no concelho de Felgueiras, no distrito do Porto, onde nasceu em 16 de fevereiro de 1735. Era filho de Caetano Pereira e de Maria Teresa de Sampaio; neto paterno de Domingos Ferreira e de Maria Pereira; neto materno de João de Sampaio de Freitas e de Clara Maria Pinto. Já estava em São Tiago, pelo menos, desde 1765, quando a 07 de julho desse ano foi testemunha do matrimônio entre Inácio da Costa Peixoto e Ana Maria de Siqueira, sendo essa a primeira atestação de sua presença na localidade.

Dele e de sua mulher nada consta que fossem proprietários de terras, ou possuísem alguma data de sesmaria, apesar de existirem registros que detinham escravizados. Se dispunham de bens imóveis, nada ficou registrado, o que contribuiu para o silenciamento da existência desse casal povoador e pioneiro tão importante, ao contrário dos demais que possuíam esses bens.

João Pereira de Sampaio, pelo contrário, aparece na docu-

mentação como exercendo cargo público, o de tabelião de aprovação dos testamentos, e surge como tal desde o final do século XVIII, até as duas primeiras décadas do século XIX. E assim é mencionado em vários testamentos de pessoas residentes no termo da povoação de São Tiago, como nas cédulas testamentárias de Manuel José de Barros, em 1793, falecido na fazenda da Sesmaria; na de Maria Josefa do Nascimento, em 1812, falecida na fazenda do Córrego da Mandaçaia; e nos testamentos de João Rodrigues de Faria e sua mulher, Isabel do Rosário, em 1804 e 1812, respectivamente, ambos falecidos na fazenda das Laranjeiras. João Pereira ainda é mencionado com o título de Licenciado, no batizado de sua neta Ana, realizado na Capela de Oliveira, aos 26 de novembro de 1797.

O cargo de tabelião de aprovação dos testamentos estava previsto no âmbito das Ordenações Filipinas, e era o primeiro posto público que se exigia estabelecer quando a povoação atingisse a marca de 20 vizinhos, e vinha regulamentado no Primeiro Livro das Ordenações, Título LXXVIII, § 20:



Praça da Matriz de São Tiago – década de 1930

"E em cada Aldea que tiver visinhos, e estiver afastada da cidade, ou villa huma legoa, haja huma pessoa apta para fazer os testamentos aos moradores da dita Aldea, que estiverem doentes de cama. E sendo feitos segundo fórma de nossas Ordenações, ser-lhes-ha dada a fé e auctoridade, como que foram feitos por Tabellião das Notas. E os Officiaes da Camera poderão escolher a tal pessoa morador da dita Aldea, e servirá o dito Officio em sua vida, e dar-lhe-hão juramento scripto no livro da Camera, ao pé do qual deixará feito seu sinal público. E será obrigado ter hum quadremo bem cosido, em que screva os ditos testamentos, quando lhos mandarem fazer nas Notas. E cometendo nelles qualquer erro, incorrerá nas penas, em que incorrerá o Tabellião público, que o tal erro ou falsidade cometer. E não tolhemos, que os moradores dessa Aldea possam fazer os testamentos, posto que doentes stêm, com os Tabelliães da cidade, ou villa, ou como quizerem, segundo fórma de nossas Ordenações." (ORDENAÇÕES FILIPINAS).

Assim, João Pereira de Sampaio terá sido uma das primeiras pessoas a exercer um cargo público na Aplicação de São Tiago, senão o primeiro a ter tal ofício no incipiente povoado.

Era ainda vivo em 1820, quando falece sua mulher. Portanto, já se encontrava em idade avançada. Terá falecido entre 1821 e 1827, período em que há uma falha nos registros paroquiais.

Se as informações já são escassas com relação a João Pereira de Sampaio, muito pior se sucede com sua esposa, Ana Quitéria de São Joaquim, que apenas aparece nos registros de batismos de seus filhos. Como seu marido, o que se sabe de suas origens vêm na Inquirição de Genere do filho. Era natural do termo da Capela de Santa Rita do Rio Abaixo, atual Ritópolis, e vinha de uma das mais antigas famílias ali estabelecidas. Foi batizada a 31 de março de 1750, e era filha de João Correia Pinto, natural da freguesia de Santa Maria Maior de Barcelos, no concelho de mesmo nome, distrito de Braga, e de Rita Josefa da Luz, natural de São João del Rei; era neta paterna de Antônio Correia e de Domingas Pereira; e neta materna de Pascoal da Fonseca Gouveia e de Antônia da Luz

Preto. Faleceu em 06 de julho de 1820, com 70 anos de idade, vitimada por "hidropisia", sendo sepultada no interior da Capela de São Tiago, "abaixo das grades". Segundo seu registro de óbito, faleceu com testamento, que foi anulado, para azar da posteridade!

João e Ana Quitéria casaram-se em São Tiago, aos 28 de maio de 1771, e tiveram os seguintes filhos conhecidos:

1- Maria Madalena de Santana, era natural de São Tiago, onde foi batizada aos 09 de março de 1772, sendo seu padrinho, Francisco Xavier do Prado. Casou-se em 05 de maio de 1792 com Manuel Martins do Espírito Santo, natural da Aplicação de São João Batista (Morro do Ferro), onde foi batizado em 29 de junho de 1772, filho de André Martins Borges e de Maria Josefa do Nascimento. Faleceu Maria Madalena na fazenda da Cachoeira, termo da freguesia de Oliveira, aos 23 de fevereiro de 1836. Tiveram os filhos seguintes:

1-1- Maria Claudina de Santana, batizada em São Tiago, em 23 de junho de 1793, casou-se em Oliveira, aos 13 de abril de 1811 com Manuel Inácio da Silveira, natural de Morro do Ferro, e filho de Inácio da Silveira Machado e de Maria Joaquina da Conceição. Com descendência;



1-2- Rita Felisbina de Santana, natural de Oliveira, onde foi batizada em 12 de novembro de 1794. Casou-se em Oliveira, aos 24 de outubro de 1816 com João Gonçalves Pinheiro, filho de Antônio Gonçalves Pinheiro e de Violante Angélica da Rosa. Com descendência;

1-3- Manuel Martins Pereira, batizado em Oliveira a 10 de março de 1796, foi casado com Joana Paulina dos Santos, natural de Candeias/MG, e filha de Manuel José dos Santos e de Esperança Rosa de Aguiar. Foram moradores em Candeias, e Manuel já era falecido na altura do inventário de sua mãe, sendo representado por seus filhos;

1-4- Ana Custódia de Jesus, batizada em Oliveira, aos 26 de novembro de 1797, casou-se nessa mesma localidade, em 10 de abril de 1815 com Francisco Antônio Xavier, natural da freguesia do Tamanduá, e filho de Antônio Gonçalves Pinheiro e de Violante Angélica da Rosa;

1-5- Silvéria Rosa do Espírito Santo, natural de Oliveira onde nasceu por volta de 1799, casou-se aos 31 de janeiro de 1815 com José Inácio da Silveira, filho de Inácio da Silveira Machado e de Maria Joaquina da Conceição. Com descendência;

1-6- José Martins Borges, batizado em Oliveira, em 12 de junho de 1802, casou-se em Passa Tempo, aos 12 de janeiro de 1824 com Jesuína Cândida do Nascimento, filha do Cap. José Gomes Ribeiro e de Maria Jacinta do Nascimento. Com descendência;

1-7- Bibiana Maria de Jesus, nascida em Oliveira por volta de 1804, era solteira e estava com 34 anos aquando da abertura do inventário de sua mãe (1838). Sem mais notícias;

1-8- Antônio Martins Pereira, batizado em Oliveira aos 14 de março de 1807, foi casado com Maria Gonçalves Montes, filha de Vicente Gonçalves Montes e de Gracinda Angélica de Oliveira. Com descendência;

1-9- Mariana, nascida em Oliveira por volta de 1810, foi casada com João Martins Ferreira. Na altura do inventário de sua mãe, eram moradores em São Pedro de Alcântara do Araxá.

2- Pe. João Caetano de Sampaio, foi batizado em São Tiago aos 04 de março de 1774. Tirou sua Inquirição de Genere no ano de 1806, de onde foi possível retirar grande parte das informações referentes às origens dessa família. Desconhece-se até o presente onde terá atuado como sacerdote;

3- Ana Clara da Conceição, nascida em São Tiago por volta de 1778, casou-se aos 29 de maio de 1801 com Paulo Rodrigues Rocha.

Paulo Rodrigues Rocha se tornaria figura de destaque no meio social de Oliveira, e figura respeitada. Era natural da freguesia de São Martinho de Anta, hoje situada no concelho de Espinho, distrito de Aveiro, onde nasceu em 20 de março de 1777, e foi batizado aos 23 do mesmo mês. Era filho legítimo de José de Sá Monteiro (1737-1805) e de Lourença Álvares da Rocha (1748-1826), pessoas de relevo na freguesia de Anta, e aparentados a familiares do Santo Ofício. Era neto paterno de Manoel Domingues Monteiro (1692-1772) e de Maria de Sá; e neto materno de Domingos da Rocha Monteiro (1714-1783) e de Rosa Álvares de Oliveira (1716-1790), todos moradores em São Martinho de Anta, cultivadores da terra, com antepassados proprietários de vários títulos de empenhamentos e genealogia traçável até o início do século XVI.

Desconhece-se a razão de onde Paulo teria adotado o sobrenome Rodrigues, pois nenhum de seus antepassados alguma vez o usou. Parece que o terá absorvido por osmose, pois, chegado à região de São Tiago, logo terá estabelecido contato com uma figura da elite local, o Capitão Pedro Rodrigues de Faria, que, não só foi padrinho de seu filho, como futuramente o mesmo seu filho se uniria por matrimônio à filha caçula do Capitão Pedro, D. Petronilha.

Paulo e sua esposa, após casarem-se, não terão ficado muito tempo em São Tiago, e se fixariam na fazenda do Patrimônio, no termo da freguesia de Oliveira, onde, além

de fazendeiros, desenvolveriam também intensa atividade comercial, conforme se depreende do inventário de Ana Clara da Conceição, certamente influenciados e beneficiados pelas movimentadas rotas de tropeiros que passavam pela região.

No inventário consta descrição de diversas mercadorias, como ferragens, garrafas de vinho, sacos de sal, varas de pano de algodão e vários créditos de devedores e créditos "do livro da loja", além da menção a uma morada de casas coberta de telhas sitas no Arraial de São João Batista, avaliada em 200\$000, e a fazenda do Patrimônio "entre culturas e campos de criar, sítios e todas as mais benfeitorias pertencentes, como quintal, várias plantações, milhos, porcos de criar, carros e os mais móveis, avaliado tudo pela expressiva quantia de 11:000\$000.

Foi também vulto de destaque no meio político de Oliveira, conforme atesta Luís Gonzaga da Fonseca, em sua obra "História de Oliveira". Era chamado para arbitrar contendas entre herdeiros; como mencionado, foi comerciante, sendo um dos primeiros em Oliveira; pertenceu à milícia da extinta Guarda Nacional do Primeiro Império; e foi Juiz de Paz do curato de Oliveira. Em 1831, foi o responsável por ler ao povo de Oliveira, um ofício da Câmara de São José del Rei, noticiando a abdicação de D. Pedro I. Faleceu em 1854, como oficial da Guarda Nacional. Sua esposa faleceu a 1º de maio de 1831. Tiveram o filho único:

3-1- Capitão José de Sá Rocha, foi batizado em São Tiago aos 22 de maio de 1802, tendo por padrinho o Capitão Pedro Rodrigues de Faria. Foi casado primeira vez, na fazenda do Retiro das Laranjeiras, propriedade de seu sogro, aos 20 de fevereiro de 1825 com Petronilha Carolina de Jesus, nascida em São Tiago em 1805, e filha de Pedro Rodrigues de Faria e de Ana Maria de Jesus. Faleceu Petronilha na fazenda do Patrimônio, em Morro do Ferro, em outubro de 1836. Passou José de Sá Rocha a segundas núpcias com Beralda Circunspecta da Silveira, batizada na Capela de São João Batista aos 23 de maio de 1812, filha do Capitão João Machado Rodrigues e de Esméria Francisca da Silveira. José era ainda vivo em 1877. Teve descendência de ambos os matrimônios, e do primeiro descende o autor do presente texto.

4- Mariana, batizada em São Tiago em 11 de setembro de 1780, aos 26 de novembro de 1797, foi madrinha da sobrinha Ana, filha de sua irmã, Maria Madalena de Santana. Sem mais notícias;

5- José Gregório de Sampaio, batizado em São Tiago a 03 de novembro de 1782, casou-se em 06 de abril de 1812 com Maria Floriana do Rosário. José Gregório e família aparecem residindo no Quarteirão 2, Fogo 9, de acordo com o Censo de São Tiago realizado em 1831, ele com 49 anos, sua esposa com 34 anos, além de seus filhos e 3 escravizados. Maria Floriana foi sepultada no interior da Capela de São Tiago a 03 de setembro de 1854, deixando viúvo José Gregório. Tiveram os seguintes filhos:

5-1- Rita Cândida de Jesus, nascida em São Tiago em 1814, com 17 anos no Censo de 1831, com a ocupação de costureira. Sem mais notícias;

5-2- Ana, batizada em São Tiago a 10 de julho de 1815, com a ocupação de fiadeira no Censo de 1831. Sem mais notícias;

5-3- Francisco Pereira Santiago, batizado em São Tiago a 24 de outubro de 1817, foi o primeiro desta família a usar o sobrenome Santiago, em uma clara origem devocional e em homenagem ao orago de sua terra natal. Casou-se primeira vez aos 28 de novembro de 1849 com Ana Felisbina de Jesus, natural de São Tiago onde nasceu em 1824, e filha de Joaquim Ferreira da Costa e de Violante Maria de Jesus. Ana Felisbina faleceu em 02 de junho de 1854, e Francisco passou a segundas núpcias com sua cunhada, Maria Rosa de Jesus, batizada em São Tiago em 11 de maio de 1835. Francisco faleceu em 08 de setembro de 1866, e deixou ampla descendência de seus dois casamentos. Do 1º matrimônio, foi pai de, entre outros:



5-3-1- João Pereira Santiago, conhecida e notória figura do meio social santiaguense, Capitão João Pereira, nascido em São Tiago em 7 de setembro de 1850, onde foi batizado a 15 do mesmo, faleceu em 10 de julho de 1933. Foi casado 3 vezes, deixando enorme descendência.



Capitão João Pereira

5-4- Pedro Maria das Candeias, nascido e batizado em São Tiago em 1821, sempre se conservou no estado de solteiro, e em seu testamento, deixou por herdeiros uma irmã e sobrinhos. Faleceu a 24 de abril de 1876;

5-5- Joaquim José de Sampaio, nascido em São Tiago em 1823, teve uma filha que foi herdeira do tio, Pedro Maria das Candeias. Sem mais notícias;

5-6- João, batizado em São Tiago em 27 de fevereiro de 1825, com 6 anos no Censo de 1831. Sem mais notícias;

5-7- José Joaquim de Sampaio, nascido em São Tiago em 1827, com 4 anos no Censo de 1831, foi casado com Clara Maria de Castro. Com descendência;

5-8- Bárbara, batizada em São Tiago aos 09 de junho de 1829, com 2 anos no Censo de 1831. Sem mais notícias;

5-9- Florinda Rosa de Jesus, nascida em São Tiago por volta de 1833, foi afilhada e herdeira de seu irmão, Pedro Maria das Candeias. Casou-se com Antônio Carlos da Silva;

5-10- Maria das Dores do Amor Divino, foi batizada em São Tiago em 26 de abril de 1835. Casou-se aos 09 de julho de 1849 com Mateus José Ribeiro. Com descendência;

5-11- Antônio de Pádua Sampaio, nasceu em São Tiago a 13 de junho de 1837, e foi batizado aos 22 do mesmo mês. Casou-se com sua sobrinha, Maria Delfina Santiago, filha de Francisco Pereira Santiago e de Maria Rosa de Jesus. Com descendência. (Agradecimentos a Eder Lucio Gaudêncio de Oliveira, descendente desse ramo, que gentilmente forneceu-me várias informações)

6- Rita Felisbina de Cássia, nascida em São Tiago por volta de 1785, casou-se aos 16 de junho de 1806 com Januário Ferreira da Costa, batizado em Conceição da Barra a 20 de julho de 1783, e filho de Vicente Coelho da Costa e de Ana Luzia Ferreira. Tiveram, que descobri:

6-1- Joaquim, batizado em São Tiago em 12 de maio de 1807. Sem mais notícias;

6-2- Maria Felisbina de Cássia, batizada em São Tiago em 11 de novembro de 1808, casou-se aos 26 de novembro de 1827 com Antônio Gonçalves Vilela, viúvo de Florisbela Amada de Jesus, batizado em São João del Rei a 25 de dezembro de 1781, e filho de Antônio Gonçalves Vilela e de Ana Clara Mariana Nogueira de Souza. Antônio faleceu em setembro de 1869 e teve seu inventário aberto pela viúva aos 26 de janeiro de 1870. Foram moradores na fazenda denominada Cuiabá, na Aplicação de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno. Com descendência;

6-3- Tomás José de Aquino, batizado em São Tiago a 16 de agosto de 1810, casou-se aos 26 de setembro de 1836 com Bárbara Vicência do Amor Divino, aí também batizada a 13 de fevereiro de 1820, viúva de João Pedro Guimarães, e filha do Capitão João Gonçalves de Melo e de Rita Clara de Jesus. Com descendência;

6-4- Francisca, batizada em São Tiago aos 25 de dezembro de 1816. Sem mais notícias;

6-5- Gertrudes Carolina da Conceição, nascida em São Tiago em 1821, casou-se aos 19 de fevereiro de 1838 com Vicente Cândido de Faria, aí também batizado a 12 de novembro de 1813, e filho do Tenente Hipólito José de Faria e de Maria Cândida de Santana. Com descendência.

7- Tomás de Aquino Sampaio, batizado em São Tiago aos 17 de março de 1787, casou-se em Passa Tempo, aos 04 de julho de 1821 com Joana Cândida de Andrade, aí nascida em 1º de maio de 1802, e batizada a 16 do mesmo mês, filha de João Francisco de Andrade e de Ana Joaquina Fernandes. Foram moradores

na fazenda do Pouso Alegre, na Aplicação de São João Batista (Morro do Ferro), onde possuíam uma casa de vivenda coberta de telhas, paiol, senzalas, monjolo, quintal, 126 alqueires de campos e 26 alqueires de cultura. Possuíam também casa em São Tiago, e parte de uma casa em Passa Tempo. Tomás de Aquino faleceu a 05 de junho de 1857 na dita fazenda do Pouso Alegre. Tiveram os seguintes filhos:

7-1- Pedro de Alcântara Sampaio, natural de São Tiago onde foi batizado aos 24 de maio de 1829, foi tutor de seus irmãos menores. Sem mais notícias;

7-2- Cândida, batizada em São Tiago em 23 de janeiro de 1831, segundo o inventário paterno foi casada com Quirino. Sem mais notícias;

7-3- Bárbara, nascida em São Tiago em 1833, segundo o inventário paterno foi casada com José Luís. Sem mais notícias;

7-4- José de Aquino Sampaio, nascido e batizado em São Tiago aos 20 de maio de 1834, segundo o inventário paterno foi casado com Maria. Sem mais notícias;

7-5- João Caetano de Sampaio, nasceu em São Tiago a 07 de setembro de 1841, e foi batizado aos 15 do mesmo mês. Em 29 de julho de 1867, junto de seu irmão Francisco, requereu emancipação no inventário paterno para entrar na posse de seus bens. Sem mais notícias;

7-6- Francisco Joaquim de Andrade, nascido em São Tiago em 18 de novembro de 1842, foi batizado aos 28 do mesmo mês. Em 29 de julho de 1867, requereu sua emancipação para entrar na posse de sua legítima paterna. Sem mais notícias.

8- Joana, batizada em São Tiago aos 23 de maio de 1789, teve por padrinhos, Francisco Gonçalves Barros e Luzia Antônia Teodora. Sem mais notícias.



Sr. Otávio Carlos Sampaio e sua esposa Antônia Erminia de Marcos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Processo de Genere de João Caetano de Sampaio, 1810, Armário 13, Pasta 369. Mariana.

ARQUIVO Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). São João del Rei.

Código Philippino, ou, Ordenações e leis do Reino de Portugal: recopiladas por mandado d'El-Rey D. Philippe I. Imprensa: Rio de Janeiro, Typ. do Instituto Philomathico, 1870.

FAMILY SEARCH. Arquivos paroquiais de São João del Rei e capelas filiadas. Disponível em: <https://www.familysearch.org/search/image/index?owc=M5F-6-T3X%3A369991501%2C369991502%3Fcc%3D2177275&c=M5F6-T36:369991501?cc=2177275>. Acesso em: 04 de dezembro de 2024.

FONSECA, Luís Gonzaga. História de Oliveira. Edição - Centenário. 1961 Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/385332378/Historia-de-Oliveira>>. Acesso em: 04 de dezembro de 2024.

TOMBO. Arquivos paroquiais de Santo Adriaão de Santão. Disponível em: <https://tombo.pt/f/flg21>>. Acesso em: 04 de dezembro de 2024.

TOMBO. Arquivos paroquiais de São Martinho de Anta. Disponível em: <https://tombo.pt/f/esp01>>. Acesso em: 04 de dezembro de 2024.

O LIVRO DA CHUVA

FONTE: SBA1.COM



O longo período de estiagem que se iniciou em 2023, durando até meados de setembro/outubro de 2024, atingiu quase 4000 municípios dos 5570 existentes no país. Os períodos de seca extrema têm sido monitorados desde 1950, sendo que este evento apresenta uma grande abrangência em área (mais da metade do território nacional) e uma intensidade severa ao extremo sendo o mais nefasto dos últimos setenta anos. As razões para o fenômeno sempre derivam para o El Niño e mudanças climáticas, o que sempre funciona muito mais como uma lenda e não como uma proposta de solução. Perto de nossa terra e nossa referência geográfica e administrativa, Belo Horizonte foi em certo momento a capital brasileira com mais tempo sem chuva: ultrapassou 150 dias!

Em tempos de carestia da água que nasce no céu, velhos costumes, crenças e rituais são reeditados e escalados para enfrentar esse inimigo que se aproveita de nossa passividade inevitável. Se for necessária uma iniciativa, quem sabe uma iniciativa de fé, então a solução é molhar as madeiras de um Cruzeiro, esse simples monumento cristão que se encontra em cantos de cidades e caminhos. Os devotos vão individualmente ou em grupo, caminhada ou procissão, e vertem a água sobre a peça sagrada esperando que o céu responda em troca. Há relatos de muitas cidades voltando a esse costume e ultimamente em São Tiago pelo menos referências e intenções foram ouvidas.

A Meteorologia, coitada, é uma ciência desrespeitada e maltratada na boca do povo. É motivo de chacota e ironia. Pessoas dizem não acreditar nela, como se ela fosse um depoimento sem credibilidade ou um objeto de fé com o prestígio abalado. Mas sabe-se que tudo isso é consequência da ignorância (sinônimo de falta de conhecimento) da complexidade dos processos científicos envolvidos, da falta de equipamentos e da precária montagem de bancos de dados necessários ao melhor desempenho da atividade.

Mas em São Tiago, como provavelmente toda a cidade pequena do interior, existem inúmeros meteorologistas amadores prontos para analisar o clima com experiência e tradição! É corriqueiro escutar: “-A chuva não passa do fim de semana!”; “-Choveu pouco ontem e agora é só daqui a dois meses!”; “-Pode plantar, pois amanhã chove!”; “- Se não ventar a chuva vem!”. Tudo dito no tom de aconselhamento em conversa de compadres, sem preocupações com índices de acerto, conscientes da impunidade. Morando em São Tiago há nove anos já acumulei uma boa porção inicial de sabedoria e arrogância divertida, arriscando algumas previsões. No geral prefiro as chuvas de chegada de Capelinha e Carapuça: são mais certeiras e amigáveis. De certo fogem ao controle de vez em quando e a maior delas, a mais horrível tempestade presenciada, derrubou meu caramanchão de alvenaria. As que chegam dos lados de Passatempo costumam ser mais fortes e não gosto delas. As que se apresentam na direção de Cassite-

FONTE: OLHARDIGITAL.COM.BR



rita não merecem confiança: sobre as terras da Chapada costumam fazer uma curva para o lado e ir embora. Minha esposa acha graça quando digo que vai chover por que a pressão (barométrica) baixou! É algo que se sente no corpo e é indescritível: indescritível por que não se sabe descrever e não por que é espetacular. Algo como a dor nas juntas que algumas pessoas sentem antes da chuva. Para a Dona Teca do Zé Carvalhinho o sinal era sentir a testa transpirar!

É dramaticamente diferente residir em uma metrópole como Belo Horizonte ou numa cidade pequena como São Tiago usando como filtro para avaliar a vida o convívio com a chuva.

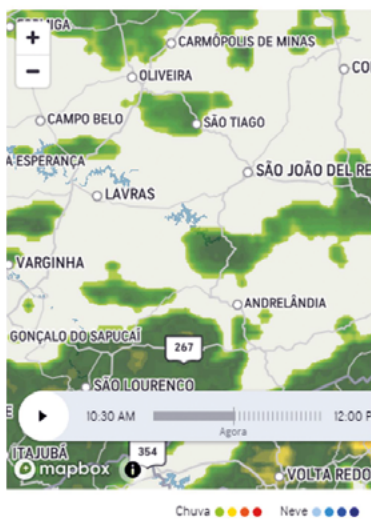
Na cidade grande a falta de chuva é sentida como reflexos do desconforto pessoal causado pelo calor, a sensação térmica elevada e extenuante, a falta de brisa fresca e o consequente ar abafado, a cidade tomada pela fuligem preta do trânsito, as árvores de jardins e ruas empoeiradas. Esse desejo por chuva já vem com um freio de segurança embutido, pois o excesso da mesma pode ser pior que a situação de princípio. Ninguém quer enchentes, inundações, deslizamentos, falha no fornecimento de energia elétrica, queda de árvores, semáforos esmagados e engarrafamentos intermináveis.

Nas pequenas cidades a mera espera pela chuva se transmuta em algo maior, uma esperança, além das necessidades isoladas do ser humano, envolvendo também a terra e a natureza, sem demagogias de terceiro milênio. No íntimo nos sentimos responsáveis pela vegetação morrendo ou apenas sobrevivendo, pela terra seca que sem umidade perdeu a capacidade de aeração sendo atacada pelas formigas, pelos cursos d'água e lagoas definhando e pelos animais domésticos ou vadios urbanos, selvagens ou da fazenda, que sofrem com a falta d'água. Tenho umas vizinhas seriemas que moram perto das padarias na Estrada do Macuco. Principalmente em tempos de secas violentas, talvez por falta de alimentos, elas invadem a cidade emitindo seus gritos lancinantes que traduzimos como simples desespero.

No interior olhamos o céu com outro interesse e respeito, outra perspectiva e com certa reverência pela sua condição de Livro da Chuva. Livros precisam de leitores para fechar o seu ciclo, mas no caso, somos nós que precisamos fazer a leitura do céu. O Livro da Chuva possui somente uma grande página azul, ilustrações maravilhosas de nuvens e é escrito em um idioma ancestral com letras invisíveis sopradas pelo vento em nossos ouvidos. Sofremos um pouco para entender e aprender, mas continuamos. A bênção pela água vale a vida.

P.S.: Quem se interessar faça o acesso ao site www.accuweather.com, calibrado para São Tiago. Ali encontrará o mapa do radar meteorológico da região em tempo real, inclusive com uma animação mostrando o caminho das nuvens de chuva.

RADAR DO TEMPO EM SÃO TIAGO



SÃO SEBASTIÃO e a FOLIA DOS REIS:

um enredo de fé e alegria

A Festa de São Sebastião em cada lugar tem características únicas, refletindo a devoção popular e as tradições culturais locais, muitas vezes ligadas à vida no campo e às comunidades rurais, acontece geralmente no mês de janeiro, próxima a data da comemoração do mártir. Essas celebrações geralmente têm um caráter mais comunitário e familiar, fortalecendo os laços entre os moradores da cada região.

As missas e novenas acontecem nas igrejas ou capelas da comunidade, acompanhadas de cantos e orações tradicionais. Muitas vezes, a imagem do santo é levada em procissão pelas ruas de terra ou pelos campos, acompanhada pelos fiéis que participam para expressar gratidão pelas bênçãos recebidas, como boas colheitas e proteção contra doenças, além de outros pedidos atendidos. Em algumas ocasiões, o andor seguia a procissão em um carro de boi.

Em diversas localidades, a procissão é acompanhada por carros de boi enfeitados e cavaleiros prestam homenagens ao santo, além de haver bênção dos animais e das colheitas. Este é um momento especial para recordar tudo o que foi produzido na comunidade.

As barracas disponibilizam pratos típicos da culinária rural, como milho assado, pamonha, bolos, carne de porco e bebidas caseiras, como licores e cachaça.

Leilões e rifas são promovidos para a venda de animais, produtos agrícolas e objetos doados, tudo com o intuito de angariar recursos para a igreja ou a comunidade. Essas atividades costumam ser acompanhadas por festas e danças tradicionais, como o forró, que encerram as celebrações religiosas. De fato, a festa representa um momento especial de reencontro, onde familiares e amigos que residem em outras localidades voltam à comunidade para participar das comemorações. É maravilhoso reviver esses encontros, repletos de conversas, histórias engraçadas e muitas risadas.

As Falias de Reis, ou Grupos de Cantoria, fazem referência à visita dos Reis Magos ao Menino Jesus. Essa tradição tem suas raízes na religiosidade católica, com influências de elementos africanos e indígenas. Em algumas localidades, ocorrem apresentações musicais típicas ou cantigas de devoção, acompanhadas pelo som da sanfona e de vozes. Cada folia exibe suas cores, levando uma bandeira belamente ornamentada.

A conexão entre São Sebastião e a Folia de Reis é bastante expressiva em diversas regiões do Brasil, principalmente onde a devoção ao santo é particularmente intensa.

Então, São Sebastião, comemorado no dia 20 de janeiro, é venerado como o guardião contra epidemias, fome, pestes e conflitos. Sua relação com a Folia de Reis ocorre pela proximidade das datas e pela intensa ligação com a religiosidade popular.

A montagem de presépios em casa e a recepção da bandeira da Folia de Reis são tradições profundamente enraizadas na cultura brasileira. Esses costumes unem espiritualidade, fé cristã e expressões folclóricas, gerando momentos de comunhão e celebração.

O presépio em casa simboliza o nascimento de Jesus e inclui figuras como Maria, José, os pastores, os Reis Magos e os animais. Montar o presépio é um gesto de devoção, que geralmente permanece montado até o Dia de Reis (6 de janeiro), embora em algumas comuni-

dades as festividades se prolonguem até o dia de São Sebastião, que sinaliza o encerramento do período natalino. Em algumas localidades, os presépios são interativos e funcionam como paradas para as companhias de Folia de Reis.

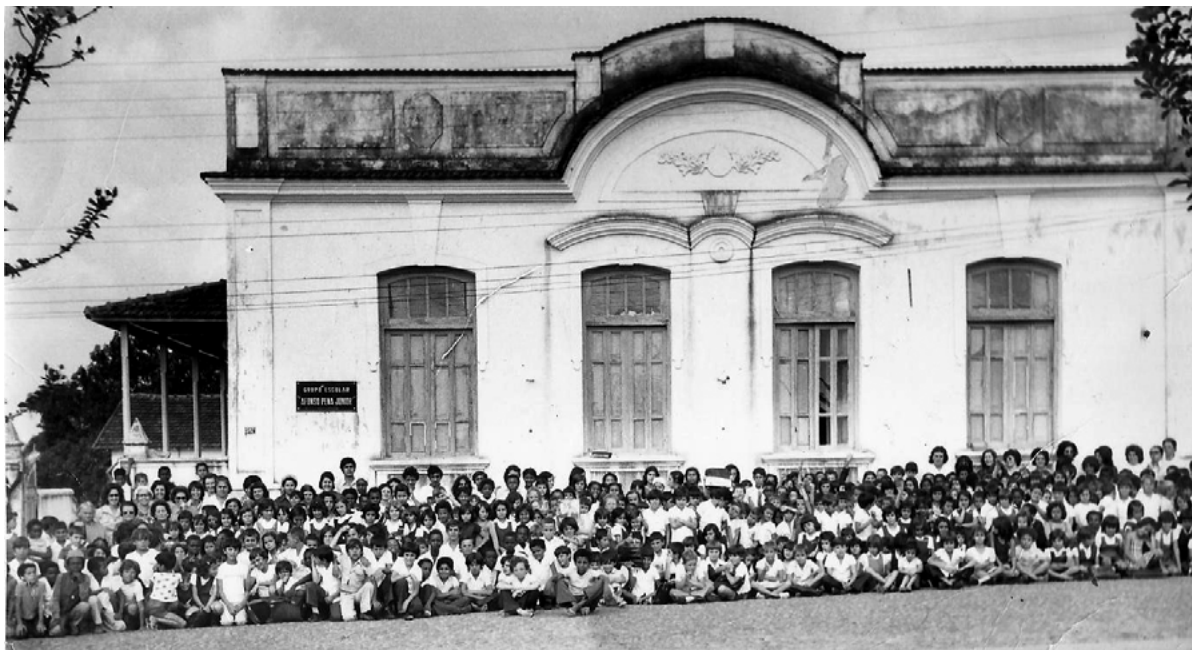
Diversos grupos de Folia de Reis costumam homenagear também São Sebastião, tanto por sua fé no santo quanto por sua função como protetor das comunidades rurais.

Um dos principais símbolos da Folia de Reis é a bandeira. Normalmente, ela exibe imagens dos Três Reis Magos ou cenas do nascimento de Jesus, sendo levada pelas ruas por companhias ou grupos de foliões. Ao visitarem as residências, a bandeira é recebida com grande respeito e devoção, já que se acredita que ela traz bênçãos para a casa e seus habitantes. É comum que, ao receber a bandeira, as famílias ofereçam contribuições simbólicas, como alimentos ou doações, para apoiar o grupo em sua jornada, ou para que seja entregue à Igreja posteriormente.

Essas práticas refletem a vasta riqueza cultural e espiritual do Brasil. Durante as apresentações das folias, é habitual que os foliões solicitem bênçãos a São Sebastião, juntamente com os Reis Magos, reforçando assim a conexão entre o sagrado e as tradições populares.

Fernando de Castro Campos





GRATUIDADE DOS ANOS FINAIS DO ENSINO DE 1º GRAU EM SÃO TIAGO

A trajetória da educação básica em São Tiago, tanto na sede quanto nas comunidades rurais, é marcada por conquistas e desafios. Desde os primeiros passos rumo à consolidação do ensino na cidade, muitos esforços foram feitos para garantir que a educação fosse acessível, gratuita e de qualidade para todos. Mesmo sem um prédio próprio, o ensino elementar era oferecido em casas, fazendas e outros espaços, agrupando meninos e meninas separadamente, e, posteriormente, em turmas mistas. Pesquisas indicam que um modelo semelhante ao ensino primário já era oferecido em São Tiago desde 1864.

Com a construção e o início do funcionamento do Grupo Escolar "Afonso Pena Júnior" em 1927, a localidade ganhou uma base sólida e uma referência essencial para o ensino básico, ofertando inicialmente apenas o curso primário. Muitos anos depois a comunidade almejava a continuidade do ensino de 1º grau (atualmente Ensino Fundamental), um desejo que, na época, parecia quase inalcançável. Em cidades maiores, o ensino era geralmente liderado por ordens religiosas, como de padres ou freiras, e oferecido de forma particular. Diante dessas limitações, foi necessário recorrer ao ensino pago, o que levou à fundação do Ginásio Santiaguense. Esse avanço foi possível graças à liderança de Monsenhor Eloi e ao empenho de educadores visionários.

Entre 1954 e 1974, São Tiago destacava na região das Vertentes, sendo uma das pioneiras no oferecimento do 1º grau completo e, posteriormente, do 2º grau, mesmo que de forma paga. Essa posição de vanguarda colocou a cidade à frente de outras localidades da região, que ofereciam apenas o ensino primário.

Embora o ensino pago não fosse acessível a todos, havia uma pequena oferta de bolsas de estudo para alunos carentes, permitindo que cursassem o ginásio. O Educandário atendia não apenas a cidade, mas também alunos de comunidades rurais e municípios vizinhos. Esses esforços foram fundamentais para que muitos estudantes continuassem seus estudos, obtivessem empregos, concluíssem cursos técnicos ou ingressassem no ensino superior.



A instalação da 5ª série na Escola Estadual "Afonso Pena Júnior" foi um marco histórico na educação pública de São Tiago. Havia uma grande necessidade de ofertar gratuitamente as séries subsequentes ao ensino primário, permitin-

do que aqueles sem condições financeiras pudessem continuar seus estudos. A notícia foi dada em 14 de março de 1979, quando o prefeito Raul Wilson da Mata anunciou a autorização do Governo Estadual de Minas para a ampliação das séries na rede pública.

Conforme noticiado pelo *Informativo Santiaguense* (1979), o prefeito destacou a relevância dessa conquista para a comunidade, ressaltando que foi fruto do esforço coletivo de diversas pessoas. Comunicou que, a partir daquele ano, a 5ª série seria oferecida gratuitamente e que, nos anos seguintes, as 6ª, 7ª e 8ª séries seriam implantadas gradativamente. Além disso, o convênio entre a Prefeitura e o Estado de Minas Gerais também contemplou o distrito de Mercês de Água Limpa.

Para viabilizar a extensão da 5ª série em 1979, importantes melhorias foram realizadas na infraestrutura da escola, como a construção de um espaço para laboratório, uma sala para educação doméstica e outras duas salas de aula. Também foram organizados espaços para práticas agrícolas e adquiridos materiais específicos para as aulas de formação especial, como "Educação para o Lar" e "Práticas Agrícolas".

O prefeito Raul Wilson da Mata agradeceu publicamente ao deputado Geraldo Renault, aos colaboradores Saulo Converso Lara e Maurício Jefferson Pinto, e ao Governador Dr. Levindo Ozanam Coelho. Reconheceu também o trabalho incansável do secretário de estado da educação, Eugênio Klein Dutra, cuja atuação foi fundamental para a realização dessa conquista. A partir daquele momento, estudar não exigiria mais o pagamento de mensalidades, representando um avanço significativo para a comunidade.

Com a ampliação das séries na Escola "Afonso Pena Júnior", o Ginásio gradualmente desativou suas turmas de 1º Ciclo Ginasial (equivalente à 5ª a 8ª séries), passando a oferecer exclusivamente o curso Normal.

Ao final de seu discurso, o prefeito parabenizou pais, alunos, professores, servidores, autoridades políticas e toda a comunidade, enfatizando a importância dessa vitória para o futuro educacional do município. Com essa medida, São Tiago deu um passo significativo rumo à transformação social e educacional, reafirmando a educação como um pilar essencial para a liberdade e o progresso.

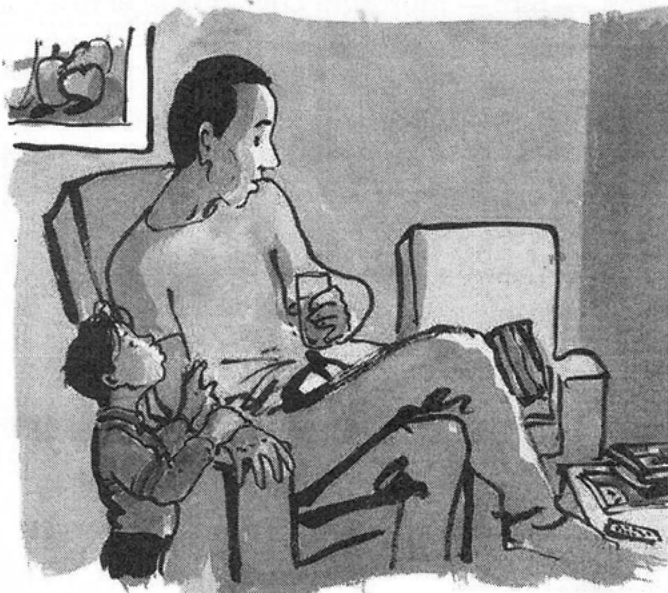
Marcus Santiago
IHGST/ALSJDR



O DIA MAIS BONITO DA MINHA VIDA

— Pai, qual foi o dia mais bonito da tua vida?
O pai de Luís responde sem hesitar, e sem sequer desviar o olhar da televisão:

— Quando me casei com a tua mãe, filho. Estávamos a colocar a primeira pedra de uma grande família.



Depois volta a mergulhar na contemplação do seu programa de culinária favorito.

Luís dirige-se então para o escritório da mãe, e espreita pela porta entreaberta:

- Mãe?
- Agora não, Luís! Estou ocupada...
- Mas é só uma perguntinha...
- Não pode esperar?
- Pode, mas...
- Pronto, diz lá, estou a ouvir-te!



Luís avança timidamente para o centro da sala e apressa-se a perguntar:

— Qual foi o dia mais bonito da tua vida?

A mãe franze uma sobrancelha, hesitante:

— Na verdade, há dois. O dia do teu nascimento e o da tua irmã. Ela esboça um sorriso nostálgico, mas logo se recompõe: ainda tem muito trabalho pela frente antes do jantar!

— Só isso? — pergunta ela.

— Sim — murmura Luís, que já está a sair da sala em bicos de pés.

Toc, toc, toc.

Já é a segunda vez que Luís bate à porta, mas ninguém lhe responde.

Ele abre-a devagarinho.

— Hum, hum...

Luís pigarreja bem alto para que a sua irmã mais velha repare, mas de nada serve. Então, aproxima-se e sussurra-lhe ao ouvido.



— Camila!

A adolescente sobressalta-se e depois levanta-se, furiosa:

— O que é que estás aqui a fazer, pirralho! Nunca te disse-ram para bateres à porta antes de entrar?

— Eu bati, mas...

Camila tira um dos auriculares e, sem esperar que Luís termine a frase, pergunta-lhe:

— Vá, o que queres?

— Posso fazer-te uma pergunta?

— Já fizeste!

“Mau...” — pensa Luís, mordendo o lábio.

— Diz lá então — suspira Camila.

— Qual foi o dia mais bonito da tua vida?

Ela resmunga:

— Não tens nada com isso!

— Vá lá, por favor...



A jovem reflete, com os olhos no vazio.

— A festa de aniversário da Cassandra, quando o Artur me convidou para dançar e me...

Aqui, para subitamente. Luís não saberá o resto. Camila em-



purra-o, sem cerimónias, para fora do quarto.

— Vá, pirralho, já sabes o suficiente! — E fecha-lhe a porta na cara.

Nessa noite, ao jantar, todos comem em silêncio.

O pai continua de olhos na televisão.

Camila aproveita para enviar mensagens por debaixo da mesa.

A mãe de Luís, que não terminou o relatório, está perdida nos seus pensamentos e não se apercebe de nada.

— O meu foi no dia da tempestade — diz Luís.

Ninguém reage.

Ele continua, um pouco mais alto.

— O meu dia preferido foi o da grande tempestade.

Desta vez, todos o ouviram e olham para ele.

Sente-se a corar como um tomate.

A grande tempestade acontecera um ano antes e causara bastantes estragos em várias casas.

Na casa de Luís, o telhado ficara danificado. Demoraram quase oito meses a repará-lo.

— O que estás a dizer? — pergunta o pai.

— Que disparate! — repete a mãe, arrepiada.



Camila semicerrou os olhos sem dizer nada. Não conseguia perceber onde o irmão mais novo queria chegar.

— Naquela noite — continua Luís —, o vento soprava tanto que ficámos sem luz na casa. O pai veio buscar-nos aos quartos, e ficámos todos na sala às escuras, a contar histórias. Não trabalhaste, mãe, e não havia televisão. A Camila não podia ouvir música. Estávamos juntos. Foi o dia mais bonito da minha vida.

O rapazinho terminou a frase num suspiro, como se estivesse prestes a chorar.

Os pais, surpreendidos, trocam um olhar de culpa. O pai desliga silenciosamente a televisão, enquanto Camila desliga o telemóvel.

A mãe pensa que, desta vez, o relatório pode esperar. E



propõe a Luís:

— E aquele jogo de tabuleiro que recebeste no Natal, que tal experimentarmos?

O rosto do menino ilumina-se.

Enquanto a irmã arruma a mesa, ele prepara as peças, as cartas e os dados.

Nessa noite, jogaram em família durante longas horas. Luís nem sempre ganhou, mas divertiu-se bastante. A irmã e os pais também.

Aliás, o dia mais bonito das suas vidas passou a ser a sexta-feira. Esta, e as que se seguiram.

Porque, a partir de agora, a família decidiu reunir-se todas as sextas-feiras, para partilhar tempo, afeto, e uma tempestade de boa disposição.



Béatrice RuAié Lacas
Le plus beau jour de ma vie
 Albussac, Utopique, 2016
 (Tradução e adaptação)

NO TEMPO DOS BOLSILIVROS

Existem argumentos denunciando que o brasileiro não sabe ler, ou não gosta de ler, ou não tem oportunidade de ler devido às desigualdades econômicas, sociais e culturais de nosso povo. Isso é um extenso assunto para outros fóruns, mas na realidade o brasileiro lê pouco. É injusto comparar um país continental com uma cidade, mas em termos relativos Lisboa tem 41.6 livrarias para 100.000 habitantes, Buenos Aires 22.6 e o Brasil 1.46.

Assim, em uma sociedade onde um parágrafo com mais de quatro frases, ou uma frase com mais de quatro orações, ou uma palavra com mais de quatro sílabas podem se transformar em um tormento é bastante instigante lançar o olhar sobre o singular boom de consumo de livros de bolso ocorrido nas décadas de 60 e 70.

Os livros de bolso, bolsilivros, foram lançados primeiramente por uma editora alemã em 1931. No Brasil eles estrearam em 1933 pela Editora do Globo. Com o formato de dimensões aproximadas de 10cmx15cm, papel jornal de qualidade inferior, capa fina e lombada colada como apostilha eram muito baratos, sem valor agregado, desprezados pelas livrarias por motivos econômicos e culturais, considerados literatura de baixo nível. Provavelmente eram, mas cumpriam um papel de entretenimento simples, rápido e de baixo custo. Comprados aos montes nas bancas de revistas, novos ou usados, mudavam de mãos agilmente através de recompras, trocas, empréstimos não honrados ou apropriações sorrateiras.

Quando ao gênero, os livros de bolso mais bem sucedidos foram os de espionagem e faroeste. No gênero espionagem o de maior sucesso foi a série ZZ7, publicada pela Editora Monterrey (1965 a 1992) contando aventuras da espiã da CIA Brigitte Montfort, uma franco-americana morena e de olhos azuis, que usava o codinome Baby e só bebia champanhe Don Pérignon. Parece coisa de gente doida, mas a origem dessa ficção remonta a 1945 quando o famoso jornalista, repórter e compositor brasileiro David Nasser criou a personagem Giselle Montfort, mãe de Brigitte, que espionava para a resistência na Paris ocupada pelos nazistas, para quatro histórias. Mais tarde o material foi reescrito e ampliado por J. F. Krakberg e Lou Carrigan (o espanhol Antônio Vera Ramírez), que desenvolveram a mitologia de Brigitte, navegando na presença inconsciente da guerra fria. Toda uma geração de adolescentes e outros marmanjos nem tão adolescentes assim se enamoraram pela maravilhosa figura criada pelo ilustrador Benicio. Até o general e expresidente Ernesto Geisel era leitor assíduo da moça. Confessou ao Fantástico, o dominical da Rede Globo, ou algo assim, falando sobre sua aposentadoria.

A prateleira dos faroestes era mais diversificada, mas alguma distinção diferenciada ia para o título assinatura M.L. Estefania, ou somente Estefania. De qualquer forma era curioso ver o nome da bonita filha do Sr. Sosó e D. Rita estampado num livreto de faroeste, mesmo em grafia um pouco diferente. Marcial Lafuente Estefenia (1903-1984), espanhol de Toledo, foi muitas coisas na vida. Lutou como republicano na Guerra Civil espanhola, como anarquista enfrentou os franquistas,

exerceu a profissão de engenheiro industrial, foi viajante, mas decidiu mesmo ser um prolífico criador de novelas, no que se enquadram suas histórias de faroeste. Ele trocou, conscientemente, a longínqua possibilidade de ser considerado um escritor de primeira linha pelo reconhecimento de escrever em ritmo alucinante, às vezes um por semana, narrativas sobre o oeste americano, de Dodge City a Dakota até o México.

O meu cunhado, José Antônio do Rosário, o Galo, o Dé do bar do cinema, filho da Conceição do Maeca, era um aficionado e colecionador. Na verdade e sem piedade, era um acumulador de livros de bolso, cujo amontoado aumentava visivelmente depois de suas viagens a São João Del Rei. Usufruí bastante de sua coleção, peguei emprestados uns e herdei outros. Agradeço a ele.

Em 1956 a Editora Monterrey lançou a primeira edição de O Coyote, considerado o Pai dos Livros de Bolso no Brasil na forma como o conhecemos, apostando num mercado promissor ou antevendo uma oportunidade comercial válida para as duas décadas à frente. O Coyote é um personagem criado pelo espanhol José Mallorqui Figueroa, em 1943, inspirado, até demais, no Zorro de capa

e espada, o Don Diego de La Vega. Da mesma forma o herói habita a Califórnia hispânica e fingindo ser um homem fraco defende seu povo como um herói mascarado. A vendagem de livros de bolso chegou a 70 mil exemplares por mês fazendo esta literatura popular se incorporar ao dia a dia da população. Esses números são um assombro no mundo editorial brasileiro.

Em São Tiago, durante várias vidas, o Bar do Tião Coité foi um doublé de banca de revista. Sentimos sua falta! Era o lugar onde era possível comprar revistas populares, periódicos, quadrinhos, palavras cruzadas, fotonovelas e outras publicações. Enquanto foi possível era o distribuidor do Jornal Estado de Minas. No instante em que somente uma ou duas pessoas da cidade mantinham assinatura o jornal considerou que os custos de frete e logística não mais se justificavam e suspendeu o envio. Também no Bar do Tião Coité os livros de bolso poderiam ser encontrados. Depois disto a cidade contou com uma banca de revistas atrás da sacristia da igreja e outra pequena loja na Rua Dr. Augusto Viegas (não confundir com a Rua Viegas, a da Sede Social Santiaguense), um pouco abaixo da MAP do Sr. Mozart, do outro lado da rua. Não lembro se esses estabelecimentos vendiam o produto em questão.

Quando era estudante em Belo Horizonte, para ir ao colégio todo o dia pegava o mesmo ônibus, mesmos horários e mesmos pontos de parada, sendo assim era costumeiro encontrar com os mesmos passageiros, como aquela pequena freira do colégio religioso do bairro onde morava. Sempre estava lendo um pequeno livro, protegido com uma capa solta de papel pardo. Um livro de salmos, um missal, uma biografia de santo ou uma coletânea de passagens edificantes, seriam especulações válidas. Até que um dia a capa protetora escorregou um pouco e vi que era um livro de bolso. Não deu para descobrir se de faroeste ou de espionagem. Amém!

Fabio Antônio Caputo





ENGENHOS DE AÇÚCAR E DERIVADOS DE CANA - IMPORTANCIA DAS ATIVIDADES AGROCANAVIEIRAS EM NOSSA ECONOMIA

Os engenhos, comuns entre os séculos XVIII e XIX, eram instalações ou unidades produtivas beneficiadoras de cana – geralmente compostas por moenda, casa de caldeiras, fornalhas, casa de purgar – espalhados por praticamente todas as localidades do território nacional, particularmente o mineiro, voltados para a produção de açúcar, rapadura, aguardente⁽¹⁾. A atividade agroaçucareira foi/seria sempre tradicional, de considerável impacto socioeconômico na Província de Minas Gerais, mormente nos séculos XVIII-XIX, envolvendo a organização de grandes espaços (lavouras canavieiras e engenhos) e produção de derivados sucroalcooleiros.

A cana de açúcar⁽²⁾ após a colheita, era transportada em carros de bois ou por muares até a moenda ou trapiche, onde sofria o esmagamento de seu caule e extração de caldo (garapa) a seguir processado em tachos e alambiques e transformado em melaço ou álcool. As moendas eram geralmente movidas por tração animal ou o uso de rodas d'água (neste caso, a água chegava até o engenho através de canais hidráulicos ou regos). Em torno do engenho, fluíam as senzalas que abrigavam os escravos envolvidos nas colheitas e atividades produtivas do engenho e ainda a casa grande onde se alojavam os proprietários da terra, sua família e os escravos domésticos⁽³⁾. Tamanho o alto valor do açúcar, especiaria então valiosa e muito consumida na Europa, decidindo os portugueses investirem maciçamente no cultivo da cana no Nordeste brasileiro, mediante o uso da mão de obra escrava trazida, aos milhões, da África. Da mesma forma, procederam os holandeses – quando de invasão e ocupação do Nordeste brasileiro no século XVII – e ainda franceses, dedicando-se à extensa e intensiva produção de açúcar.

Após expulsos do Nordeste, os holandeses estabeleceram grandes lavouras de cana em suas colônias no Caribe e da mesma forma agiram os franceses, fazendo com que o açúcar brasileiro perdesse competitividade e lucratividade ante a grande concorrência internacional. A descoberta de lavras em Minas Gerais daria, por sua vez, início ao chamado “ciclo do ouro”, esvaziando os canaviais e a, até então, portentosa atividade econômica açucareira.

Nem todos os proprietários possuíam engenhos, geralmente construções e equipamentos de alto custo; os fazendeiros que não dispunham de recursos para construírem o próprio engenho eram conhecidos geralmente como “lavradores

de cana” e dependiam de outra(s) propriedade(s) para beneficiar seus canaviais, mediante alguma modalidade de compensação ou paga.

PRODUÇÃO DE AGUARDENTE – REGIME IMPERIAL – A produção de aguardente foi regulada pela Lei de 08-04-1836 como condição para a incidência de tributação. Os juízes de paz dos distritos foram encarregados de mapear e inventariar os engenhos aguardenteiros e casas de negócios, relatórios estes que compõem hoje importante fonte de pesquisas. Cerca de 40% dos engenhos mineiros, à época da lei, fabricavam exclusivamente aguardente ou destilado, cerca de 41% somente rapadura/açúcar e os 19% restantes produziam dois ou três derivados. Eram em torno de 4.150 engenhos cadastrados na Província de Minas (1836), embora autores como Quintiliano José da Silva em sua obra “Fala dirigida à Assembleia Legislativa” (Ouro Preto, Tipografia Imparcial, 1846) mencione o número de 6.641 unidades.

A cachaça (aguardente) era comercializada em 69,7% das casas de negócios da época (1836) contra 12,9% de bebidas importadas, denotando ser, assim, um produto de largo consumo interno. Os engenhos tradicionais viriam a entrar em decadência com o fim da escravidão, a não modernização de seus parques tecnológicos, o surgimento de usinas industriais de grande porte e tecnificação das atividades agroaçucareiras, os elevados custos dos transportes, precariedade das redes viárias, a fragmentação geográfica, levando-os à perda de escala industrial e comercial.

Minas, ao atrair grandes concentrações humanas, em especial migrantes lusos, quer por suas lavras, quer pelas atividades agropecuárias, dentre elas a cana, se tornaria o centro econômico da Colônia, para aqui se deslocando o eixo desenvolvimentista em detrimento das zonas açucareiras do Nordeste. A produção açucareira e aguardenteira nas Minas dos séculos XVIII e XIX adquiriria, pois, cabal importância econômica, suprimindo largamente o mercado interno ao lado de espaço agroexportador (geração de excedentes). Criou-se ampla rede produtiva, distributiva e de comercialização de ativos alimentícios, bem como da vigência de crédito e acumulação mercantil, por força do consórcio das atividades agrícolas a uma vigorosa teia de casas de negócios, pródigas de produtos ofertados, que, conforme relatos de viajantes estrangeiros, eram recorrentes ao longo das movimentadas estradas, que cortavam as proprie-

dades rurais e ainda vilas e distritos mineradores.⁽⁴⁾

Objetivavam, com isso, os fazendeiros, a comercialização de parte de sua produção agrícola e, ao mesmo tempo, fornecer hospedagem aos transeuntes e pastos para os animais. A morosidade dos deslocamentos, o grande fluxo de população em trânsito exigiam ampla e prolífera rede de estabelecimentos de alojamento e o abastecimento, ademais, de mercadorias de toda ordem, os “secos e molhados”. Os estabelecimentos comerciais constituíam-se igualmente em espaços de sociabilidade, pois além de mercadorias, forneciam refeições e bebidas – estas tidas como espirituosas – em especial a aguardente.

O setor canavieiro (engenhos de açúcar) passou a abastecer integralmente o mercado consumidor, primando por características peculiares: eram unidades espacialmente desconcentradas, economicamente diversificadas, distribuídas ao longo de praticamente todo o extenso território: tornar-se-ia Minas, então, líder na produção de derivados de cana, conduzidos por tropas de muleiros às demais regiões do País, onde eram comercializados por negociantes (as chamadas “casas de negócios”), lembrando que este mercado consumidor era igualmente diverso, espacialmente disperso.

Os viajantes estrangeiros manifestam expressões distintas sobre as casas de negócios à beira dos caminhos ou ainda em cidades, algumas muito simples, rústicas, parcimoniosas, estoques de mercadorias escassos, enquanto, por vezes, senão de forma rara, encontravam alguns estabelecimentos sofisticados, soberbamente supridos.

A Comarca do Rio das Mortes tornar-se-ia, por sua vez, um dos núcleos produtivos de derivados de cana, conforme se deduz dos relatórios oficiais e registros de viajantes da época. “Esta comarca (Rio das Mortes) produzia muito ouro, mas hoje os habitantes dedicam-se especialmente à agricultura, a criação de gado e de porcos, favorecida pela proximidade da estrada do Rio de Janeiro (...). A comarca também fornece aos habitantes do Rio de Janeiro prodigiosa quantidade de toucinho e queijo, algodão, tecidos grosseiros, carneiros, cabras, açúcar, couro e também de tabaco...” (Saint-Hilaire – Viagem ao distrito de Diamantina e ao litoral do Brasil, p. 236).

Em sua passagem por nossa região, em particular os atuais municípios de Resende Costa e São Tiago, em inícios do século XIX, o General Raimundo José da Cunha Matos menciona a existência de engenhos, a exemplo das fazendas dos Campos Gerais, Ribeirão de Santo Antônio, Boa Vista, Jacaré (“engenho de Dona Ana”) (“Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas Províncias de Minas Gerais e Goiás”, BH, Instituto Cultural Amílcar Martins, 2004, pp. 35/37).

FONTE: Marcelo Magalhães Godoy – “No País das minas de ouro a paisagem vertia engenhos de cana e casas de negócio” 4 vol. São Paulo, USP, 2004.

NOTAS

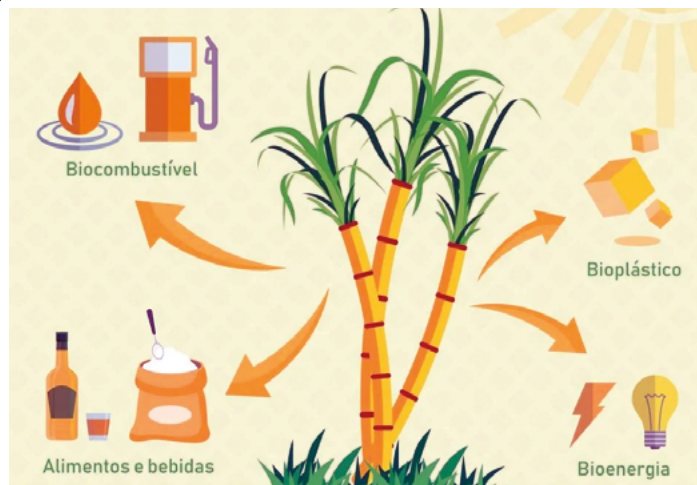
(1) Na década de 1830, estima(va)-se a existência em Minas Gerais de cerca de 4.150 unidades produtivas na transformação/beneficiamento da cana de açúcar. Reunindo-se todos os demais engenhos existentes no País (litoral nordestino, planalto paulista, norte fluminense) não alcançavam no todo, sequer a metade do número de engenhos mineiros.

Em torno de 85.000 escravos atuavam na fabricação de açúcar, rapadura e aguardente, algo sem precedentes nos serviços praticados por cativos à época.

A produção estimada dos engenhos mineiros ultrapassava à época, 33.200 toneladas de açúcar, soma acima dos demais produtores açucareiros do País. Uma atividade vigorosa, poderosa que confirmava a pujança e o primado do mercado interno consumidor, com efeitos multiplicadores e diversificados sobre o restante da economia provincial.

(2) A cana de açúcar tem origem na Nova Guiné (Oceania), dali levada à Índia, sendo citada no milenar livro hindu “Atharvaveda” (Vedas). A palavra “açúcar”, aliás, é derivada de “shakkar” (açúcar) em sânscrito, antigo idioma da Índia.

Já no ano 327 a.C. seu cultivo na Índia foi observado por generais do Imperador Alexandre Magno e no século XI pelos cruzados no Oriente Médio. Seu cultivo foi introduzido no Egito pelos árabes, onde foi desenvolvido o processo de clarificação do caldo (de cana),



com a produção de açúcar de alta qualidade para a época. Do Egito, foi levada para todo o Mediterrâneo (Chipre, Sicília, Espanha) e dali para a Ilha da Madeira em Portugal.

O açúcar era um produto e uma especiaria valiosa, consumido pela nobreza europeia, comercializado por mercadores monopolistas. Na América, a cultura da cana foi introduzida primeiramente por Cristóvão Colombo na atual República Dominicana. As primeiras mudas chegaram ao Brasil em 1532, introduzidas por Martim Afonso de Sousa, que construiu o primeiro engenho do País em São Vicente (SP), dali se expandindo para Bahia e Pernambuco, onde o solo massapê era propício ao cultivo da cana. É o que afirmam as historiadoras Lília Schwarcz e Heloisa Starling, segundo as quais, já ao final do século XVI, funcionavam 140 engenhos somente em Pernambuco (Obra “Brasil: uma biografia” São Paulo, Cia. das Letras, 2015, p. 54).

Autores como Gilberto Freyre mencionam o ano de 1516 como marco introdutório do cultivo de cana na Ilha de Itamaracá, em Pernambuco. A opulência dos engenhos pernambucos levou o Pe. Fernão Cardim a afirmar que “as fazendas (pernambucanas) eram maiores e mais ricas que as da Bahia, os banquetes de extraordinárias iguarias, os leitos de damasco carmesim franjados de ouro e de ricas colchas da Índia”, resumindo, ademais, suas impressões em uma frase antológica: “Enfim, em Pernambuco acha-se mais vaidade que em Lisboa”.

(Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ciclo_do_a%C3%A7%C3%B4car, acesso aos 27-05-2023).

O Brasil, já no século XVII, passaria a monopolizar a produção mundial de açúcar, comercializado no mercado europeu, especialmente em Portugal e Holanda.

(3) Os proprietários ou senhores de engenhos, de forte poder econômico e político, compunham a elite da sociedade colonial, mormente no Nordeste do País, sumamente respeitados, senão temidos, em todas as vilas e povoações circunvizinhas. “O ser senhor de engenho é título a que muitos aspiram, porque traz consigo o ser servido, obedecido e respeitado por muitos” (André Antonio Antonil – “Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas”).

(4) Autores consagrados, a exemplo de Caio Prado Junior, Sérgio Buarque de Holanda, Celso Furtado, Nelson Werneck apresentam um panorama de nossa ruralidade como de inconstância, improvisação, marasmo; outros autores como Virgílio Correa Filho, Luiza R.R. Volpato relacionam tal situação à crise do setor minerador. “À medida que esmoreciam as minas de ouro pelo esgotamento dos aluviões empiricamente lavrados, maiores esforços desviados da mineração evanescente iriam aplicar-se na lavoura e criação de gado” (Correa Filho – “Pantanos matogrossenses – devassamento e criação” – Rio de Janeiro, IBGE, 1946, p. 112).

Mafalda Zemella em seus preciosos estudos a esse respeito, esclarece que, apesar das disposições legais proibitivas, houve a edificação de considerável número de engenhos de cana de açúcar em todas as áreas de exploração aurífera. Grande era o número de engenhos na região das Minas exploradas por senhores, motivados estes pela carença de gêneros e os elevados preços do açúcar e cachaça, o que levaria à proibição real em 1715 e 1743, sob a alegação de que os escravos estavam sendo desviados da extração de ouro. Proibições inúteis porquanto os engenhos continuavam existindo, ocorrendo numerosas requisições – e atendidas – pelo rei, mediante justificativas de que não exploravam minerações, necessitando empregar o cabedal de seus escravos e ainda de que a cana de açúcar era própria para terras cansadas (Zemella – Mafalda “O abastecimento da Capitania de Minas Gerais no século XVIII” São Paulo, Edusp, 1951, pp. 236/237).

Para autores como Carlos Rosa, partindo da realidade do centro-oeste brasileiro, a edificação de engenhos (proibida por lei colonial) assumiu um caráter geopolítico nas relações de poder da Colônia por

meio de alianças entre os senhores de engenhos e autoridades reinóis com o objetivo de manter/reafirmar conquistas territoriais (Rosa – “Canas, escaroadores, alambiques, aguardentes, sinais da produção local de Cuiabá” Revista IHGMT, 2000, p. 58).

Segundo Nauk Maria de Jesus “a distribuição de sesmarias (...) também fez parte da estratégia adotada pela Coroa Portuguesa que objetivava promover o assentamento da população e desenvolvimento da produção local” (“Na trama dos conflitos: a administração da fronteira oeste da América Portuguesa 1719–1778” ICH/UFF, p. 88). Para Ângelo Carrara no mínimo, metade da população rural estabeleceu desde o primeiro momento um padrão de produção rural que se adequa ao conceito de “economia campesina” (“As minas e currais: produção rural e mercado em Minas Gerais 1674–1708” Juiz de Fora, UFJF, 2007, p. 65), atividades e práticas produtivas que Mano-lo Florentino classifica como de “caráter endógeno”.

ENGENHOS DE CANA E CASAS DE NEGOCIOS (VENDA DE GENEROS DA TERRA E DE FORA – SÃO TIAGO E REGIÃO – 1836

“O juiz de paz de São Tiago, Thomas de Aquino S. Payo, remeteu dois mapas, com o mesmo conteúdo, para o governo provincial, o primeiro em 10 de agosto e o segundo dois dias depois. Os mesmos engenhos e negociantes foram listados em dois documentos, apenas divergiram os termos de abertura, o formato da listagem e da apresentação dos estabelecimentos comerciais e fábricas de cana” (Marcelo Magalhães Godoy – “No País das Minas de ouro a paisagem vertia engenhos de cana e casas de negócios” São Paulo, USP. 2004, vol. 1, pp. 203 / pp. 965/966).

Distrito de São Tiago – APM SPPP 1/6 Cx 5 D10 e Cx 5-D33 – Juiz de Paz Tomás de Aquino Sampaio (incluindo a povoação de São João Batista).

Curato da Lage – APM SPPP 1/6 Cx 4 D.04 – Juiz de Paz Antonio Pinto de Lara.

Distrito de Santa Rita – APM SPPP 1/6 Cx 5 D26 – Juiz de Paz Flávio José da Silva.

Distrito de Passatempo – APM-SPPP 1/6 Cx 6, D21– Juiz de Paz Severino Rodrigues Chaves.

Distrito da vila de São José Del-Rei – juiz de paz Silvestre Albino da Fonseca – APM-SPPP 1/6 Cx.4, D.4).

Distrito de Oliveira – APM-SPPP 1/6 Cx. 6 – D46 = Juiz de Paz Joaquim José de Andrade.

RELATOS DE VIAJANTES ESTRANGEIROS SOBRE CASAS DE NEGÓCIOS E ENGENHOS – SÉCULO XIX

> O viajante inglês John Mawe (1764–1829) foi um dos primeiros cronistas a tentar definir uma venda ou estabelecimento comercial, em si precárias, de beira de estrada:

“Venda – dá-se esse nome a uma espécie de regatão onde se vendem vários artigos, tais como cachaça, milho e algumas

vezes açúcar. Seus donos têm a pretensão de que elas correspondam a uma hospedaria, mas são desprovidas das coisas necessárias: os viajantes que trazem consigo camas e utensílios de cozinha preferem sempre pousar em algum rancho, mesmo numa cocheira. Estar ao abrigo da chuva e do orvalho é tudo quanto se pode esperar de hospedarias deste País” (“Viagens ao interior do Brasil”, p. 111).

> “Pela primeira vez, desde o começo de minha estada no Brasil, dormi em um rancho. Dá-se esse nome a alpendres mais ou menos vastos destinados a abrigar os viajantes e suas bagagens. Encontramo-lo geralmente no interior do Brasil à margem das estradas chamadas reais e são numerosos no que eu então percorria. São os habitantes cujas terras estão próximas à estrada que os fazem construir. Não se paga hospedagem, mas ao pé do rancho há uma venda em que o proprietário vende o milho que serve de alimento aos animais dos itinerantes (...) Citaram-me o nome de proprietários que possuem até cinco ranchos à beira da estrada” (Saint-Hilaire – “Viagens pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais” p. 40).

(...) O viajante em geral não encontra nessa estrada o menor recurso. As vendas são aí, na verdade, bastante numerosas; algumas peças de vasilhame de barro, um pouco de fumo, porém, constituem ordinariamente quase todo o sortimento dessas casas de negócios (...) Encontram-se nessas estradas muito poucos artesãos especializados; excetuam-se, no entanto, os correeiros e os ferradores que realmente são mais necessários que quaisquer outros artífices, se tornaram numerosos. Uma venda e a tenda de um ferrador acompanham quase todos os ranchos” (Saint-Hilaire – “Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais” p. 43).

“Achamos o rancho do Marmelo bastante e bem conservado, enquanto que a venda vizinha era muito pequena e muito mal provida. Esse contraste, que é muito comum, origina-se de que os tropeiros – que costumam transportar consigo as provisões e são de uma sobriedade extrema – ligam-se muito menos à venda que ao rancho. O proprietário, que por outro lado, quer vender seu milho, procura atrair fregueses, tratando bem do rancho e o abastecimento da venda, de que pouco há a esperar, fica geralmente por conta do homem pobre encarregado de vender o milho” (Saint-Hilaire – “Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais” p. 52).

“Na estrada muito movimentada que atravessa a região que venho descrever de Congonhas a São João Del-Rei, o modo de viajar é o mesmo do caminho do Rio de Janeiro a Vila Rica (...) De distância em distância, encontram-se ranchos e vendas, sendo aí que se para. Esses ranchos, desprovidos de todas as comodidades, são quase sempre mantidos por homens de uma



classe muito inferior, que, com suas relações com tropeiros, os tornam pouco honestos, mas que, contudo, o são mais que as pessoas da mesma classe na França..." (Saint-Hilaire – "Viagem pelo Distrito dos diamantes e o litoral do Brasil" pp. 100/101).

> O viajante escocês George Gardner (1812-1849) assim observou sobre Diamantina, ano 1840: "Muitas das lojas são bem iguais no aspecto às do Rio de Janeiro e sortidas mais ou menos dos mesmos artigos e a diferença dos preços raramente excede a 20%. Todas as mercadorias europeias, com exceção de umas poucas da Bahia, vêm do Rio no lombo das mulas que chegam diariamente em tropas às vezes de cem cabeças" ("Viagem ao interior do Brasil" p. 208).

> "Como a maior parte das vendas à beira de estrada, essa possuía o estoque habitual de cerveja sempre vendida como cerveja inglesa: mas em geral, o único material inglês são as garrafas (...) a cerveja é nacional e péssima apesar de pedirem três xelins por ela. A cachaça nativa era atenuada com limão, água e açúcar e muito mais barata, mais gostosa, mais saudável e refrescante" (James W. Wells – "Explorando e viajando três mil milhas através do Brasil – do Rio de Janeiro ao Maranhão" vol. I, p. 119 (em uma estrada próxima da Betim/MG, ano 1873).

> "Guaicui ou Manga, como ele é habitualmente chamado, é um pequeno vilarejo composto de um ajuntamento esparsos de cerca de 50 casas e casebres de pau-a-pique e duas vendinhas contendo mercadorias de maior demanda como morim, estampados de Manchester, vinho português, cerveja inglesa, holandas, cachaça, fósforos suecos, açúcar, carne seca, porco salgado, feijão, farinha, milho, ferragens, cerâmica etc." (Wells, op. cit. p. 279).

> "Para aqui chegarmos, seguimos sempre as cumeadas e gozamos de larga vista. Não descobrimos, porém, habitação alguma. A beira do caminho, apenas vimos uma casinhola, onde uma pobre mulher vende aguardente de cana e algumas miseráveis provisões" (Saint-Hilaire – Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo" p. 43).

> Assim os viajantes Von Spix e Carl Martius referem-se a aspectos da vila de São João Del-Rei, ano 1818:

"O estrangeiro vê-se com prazer em uma pequena cidade comercial, sobretudo depois de tão longas privações da viagem no interior. Ruas calçadas, belas igrejas guarnecidas com pinturas de artistas nacionais, lojas fornecidas de todos os artigos de luxo e do comércio europeu, muitas oficinas etc. indicam a riqueza do lugar que, por suas transações com o sertão, é considerado entre os mais animados do Brasil" (Viagem pelo Brasil" vol. I, p. 194).

> Saint-Hilaire faz referências à produção e consumo do açúcar (na forma de rapadura) na dieta alimentar dos mineiros, quan-

do de sua passagem por Queluz (Conselheiro Lafaiete) ano 1816:

"O Padre Anastácio, como muitos outros proprietários da Província, que fabricava açúcar mascavo e se contentava de fazer o que chamam no País, rapaduras. São tijolos que podem ter de cinco a seis polegadas de comprimento e são bastante grossos; sua cor, gosto e cheiro são mais ou menos os do açúcar queimado das nossas refinarias, mas o gosto de xarope se faz sentir mais fortemente. Para fabricar rapaduras, não se põe água alcalina no caldo; faz-se este ferver bastante para que não escorra nenhum melaço e vertem-no em moldes dos quais se pode facilmente retirar as rapaduras resfriadas. As crianças, negros e tropeiros adoram essa espécie de açúcar e consomem-no em quantidades prodigiosas" ("Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil" p. 65).

REQUERIMENTOS ÀS AUTORIDADES COLONIAIS PARA INSTALAÇÃO DE ENGENHOS – PARAGEM DO RIO DO PEIXE

Requerimento de Francisco Pinto Rodrigues, (nosso hexa-avô), morador da Picada e Caminho Novo que vai para as minas de Goias, solicitando a mercê da concessão de licença para ter um engenho de aguardente de cana e açúcar, o que muito convinha como prova a atestação junto do Senado da Câmara da Vila de São José do Rio das Mortes, onde o requerente é morador. Em anexo certidão – 26 de agosto de 1760 (AHU-MG cx. 76, doc. 40).

Requerimento de Manuel Lopes de Oliveira, capitão da cavalaria na comarca do Rio das Mortes, solicitando a licença para montar um engenho de moer canas na referida comarca. Em anexo: 2 requerimentos; 1 auto das condições; 1 certidão. 10 de janeiro de 1764 (AHU cx. 83, doc. 01).

Requerimento de Francisco Pinto Rodrigues, morador na Picada e Caminho Novo que vai para as minas de Goias, pedindo provisão para ali fazer um engenho para o fabrico de aguardente de cana e açúcar. Em anexo 1 certidão. 20 de junho de 1765 (AHU cx. 85, doc. 51).

Requerimento de José Alves Lima, capitão e morador nos arredores da vila de São José, solicitando a D. Maria I, à mercê de autorizar a montar um engenho para o fabrico de açúcar, melaço e aguardente. Em anexo 1 aviso. 16 de agosto de 1785 (AHU cx. 123, doc. 87).

Requerimento do capitão José Alves Lima, morador na comarca do Rio das Mortes, solicitando a D. Maria I a mercê de autorizar a edificar um engenho de cana com a finalidade de fazer açúcar, melaço e aguardente. Em anexo 1 aviso; 1 certidão. 14 de março de 1787 (AHU cx. 126, doc. 27).

RSS



BRASIL – O PAÍS DA FRAUDE - "BOI GORDO"

O que foi o Boi Gordo, fraude que fez 30 mil investidores perderem bilhões

Por Gabriela Bulhões

Existem várias armadilhas no mercado financeiro e uma delas é a garantia de alto retorno em pouco tempo. Foi com essa promessa que um dos mais famosos esquemas de pirâmide financeira abalou o Brasil no final da década de 1990. O golpe enganou mais de 30 mil investidores, deixou um prejuízo de bilhões e ficou conhecido como "Boi Gordo".



INÍCIO DO ESQUEMA NO PAÍS

A empresa Fazendas Reunidas Boi Gordo vendia cotas de investimento em fazendas de gado. O nome da empresa ganhou notoriedade no mercado por oferecer um investimento visto como lucrativo e seguro por meio de um processo de engordar os bois.

Investidores aplicavam o dinheiro para a compra de arrobas de boi magro, que é a unidade de peso utilizada para medir a massa dos bovinos. O segundo passo era engordar o animal nos meses seguintes com a garantia de retorno sobre o peso inicial.

Grupo existia desde 1988 e, em 1996, começou a oferecer ao público os investimentos em animais. Na prática, as pessoas adquiriam títulos e o valor só poderia ser resgatado após 18 meses com lucros superiores a 40%. Criação de gado nelore era nas regiões Sudeste e Centro-Oeste.

Slogan principal era "quem tem cabeça investe com gado". Com um marketing agressivo, alcançaram investidores de todos os estados e também de outros países. Famosos como Marisa Orth, Benedito Ruy Barbosa e até Antonio Fagundes, o garoto propaganda, caíram no golpe. Celebridades do mundo do futebol, como o ex-jogador Vampeta, também acreditaram que o investimento era uma boa ideia. Todos seguem na fila para ter seu dinheiro de volta.

Propaganda era feita nos intervalos da novela "Rei do Gado", que foi uma verdadeira febre entre os brasileiros. Comercial protagonizado por Antonio Fagundes vendia rentabilidade média de 3,23% ao mês. A Taxa Selic fechou em 23,94% ao ano em 1996.

COLAPSO DO ESQUEMA DE PIRÂMIDE FINANCEIRA

A realidade nos bastidores era bem diferente: ao invés do pagamento vir do lucro da engorda dos bois vinha da entrada de novos investidores. É assim que o esquema de pirâmide funciona: quem entra paga o suposto retorno de quem já é investidor. A base mantém o retorno do topo, de onde vem o termo "pirâmide"...

Quem recebia os rendimentos iniciais acreditava que o investimento valia a pena. Isso fortaleceu a sensação de que era algo sólido e seguro. Porém, só os primeiros investidores tiveram essa sorte.

Em 2001, o esquema do "Boi Gordo" desmoronou e tentaram acordo na justiça. Os pagamentos aos investidores pararam de acontecer e as queixas começaram. O dinheiro dos recém-chegados não era mais o suficiente para retornar aos mais antigos.

A Fazendas Reunidas Boi Gordo fez uma concordata (acordo entre empresas e devedores) em 2003. Mais de 30 mil pessoas perderam dinheiro e a empresa faliu, passando para frente a situação catastrófica.

Prejuízo estimado passou de R\$ 2,5 bilhões e hoje a dívida atualizada equivale a R\$ 6 bilhões. A empresa tinha dezessete fazendas em seu nome, que foram leiloadas entre 2017 e 2018, rendendo R\$ 540 milhões.

MILHARES DE INVESTIDORES SEM DINHEIRO

Vítimas do golpe puderam se cadastrar no site da Massa Falida de Fazendas Reunidas Boi Gordo S.A. e Coligadas. O objetivo foi organizar as pessoas que esperam receber ao menos uma parte do montante investido. Também existe a Associação dos Lesados pela Fazenda Reunidas Boi Gordo S/A (ALBG) e Empresas Coligadas e Associadas.

Aos poucos, através dos leilões das propriedades do grupo, o valor foi devolvido. Mas o caso segue sem ter uma solução definitiva e as pessoas tiveram que arcar com o prejuízo.

A maioria ficou sem receber nada. Os credores se cadastram em um dos sites das organizações e entram na fila para receber parte do que vem do leilão. Quem recebeu algum também não recebeu o valor inteiro do que investiu...

A Fazendas Reunidas Boi Gordo faliu de fato em 2004. Nesse meio tempo, se desfizeram de tudo, fazendas, maquinário, gado e até sêmen para reprodução.

DONO DO ESQUEMA NÃO FOI PRESO

Paulo Roberto de Andrade foi a mente por trás do "Boi Gordo". O empresário não foi punido criminalmente. O Superior Tribunal de Justiça (STJ) anulou a ação penal contra ele, reconhecendo a prescrição do processo.

Em 2003, já em concordata, Andrade vendeu o controle acionário a dois grupos, Golin e Sperafico. Ambos eram conglomerados do ramo do agronegócio. Assim, nomearam José Roberto da Rosa como gerente da fazenda.

Há a alegação de que Rosa seria um funcionário fantasma. Durante a investigação do Ministério Público, descobriram que o gerente só existia em procurações, que seu RG e seu CPF foram feitos a partir de uma certidão de nascimento falsa e que suas assinaturas seriam de um contador dos novos donos. Outra suspeita é que o dinheiro foi enviado para o exterior e voltou ao Brasil em esquema de lavagem de dinheiro, com a compra de terras. Nos últimos anos, parte foi recuperada e são as propriedades em leilão.

O galo e a casinha do tempo: A magia do serviço meteorológico do passado



Relembrar o passado em tempos difíceis, como o que estamos vivendo, nos faz bem estimular a nossa mente a lembrar de momentos marcantes e especiais. E como as temperaturas prometem cair no Sul do Brasil, todo mundo de olho no tempo para aguardar a tão desejada neve! Então, vamos falar de 2 bibelôs que existiam em todas as casas quando ainda não existia O Climaterra dentro tantos outros. O Galinho do Tempo, que é de origem portuguesa, e também da famosa, casinha do tempo! Embora ainda exista por aí, são do passado, já um tanto quanto distante, era comum ver um perto de uma janela ou de uma porta de entrada das moradias. E era hábito todo mundo olhar bem para ele antes de sair de casa ou sequer abrir a janela.

O famoso "Galo do Tempo" (ou "Galo da Chuva", como também era tratado). Hoje, para usar uma linguagem mais apropriada a estes novos tempos, podemos chamá-lo de "Galo Meteorológico".

Os bonequinhos que eram muito comum antigamente nas casas. Difícil quem mesmo sendo das gerações mais novas, não ter visto um galinho do tempo. É um galinho de plástico, coberto por uma camada de um material aveludado, que muda de cor dependendo da umidade. Se está seco, ele fica azulado e se está úmido, ele fica avermelhado. E dias chuvosos são dias bem úmidos, portanto a "escala" presente na base desse bibelô normalmente indica:

Vermelho: Tempo chuvoso, úmido

Azul: Tempo bom, seco.

O galinho do tempo não faz a previsão do tempo, como muita gente pensa equivocadamente. Ele apenas indica as condições do tempo presente, ou seja, as condições meteorológicas daquele instante. E como ele faz isso?

Essa camada aveludada que recobre o plástico possui uma solução aquosa de Cloreto de Cobalto II em sua superfície. Essa substância tem uma característica interessante: ela muda de cor quando entra em contato com a água. Em um ambiente completamente seco, essa substância fica com coloração azul. No entanto, quando essa substância entra em contato com a água, fica vermelho-rosada. Essa mudança de cor não é irreversível: se uma porção de Cloreto de Cobalto II estiver úmida e depois for seca (natural ou artificialmente), ela deixa de ficar avermelhada e passa a ficar azul.

Percebam, portanto, que essa substância é ideal para indicar a presença de umidade. Alguns equipamentos eletrônicos usam Sílica Gel para absorver a umidade presente na caixa do equipamento e evitar danos aos componentes eletrônicos. Vocês já devem ter visto dessa sílica gel em saquinho (até tá escrito "não coma" nesses saquinhos rs). Mas existe sílica gel vendida a granel. E por circunstâncias relacionadas ao meu trabalho, já tive que comprar dessa sílica gel a granel. Essa que vende a granel é embecida com Cloreto de Cobalto II para que quem está manuseando possa saber se a sílica gel está saturada ou não de umidade. Os 'grãos' de sílica gel ficam azulados se ainda estão secos e avermelhados se já estão úmidos. Daí é possível reaproveitar essa sílica gel a granel: basta aquecê-la no forno ou em uma panela. Quando ela é aquecida, a cor modifica-se e fica bem claro para nós que está seca e pronta para ser colocada novamente junto ao equipamento eletrônico que ajuda a conservar.

Cloreto de Cobalto II é um sal que estabelece o seguinte equilíbrio químico:



O íon $[\text{CoCl}_4]^{2-}(\text{aq})$ apresenta cor azul, sendo que o seu número de coordenação (quantidade de ânions que cercam o cátion no arranjo cristalino) é 4. Já o íon $[\text{Co}(\text{H}_2\text{O})_6]^{2+}$ apresenta cor rosa e seu número de coordenação é igual a 6. Segundo o Princípio de Le Chatelier, esse

equilíbrio pode ser deslocado para a direita, deixando o sal rosa ou para a esquerda, ficando com a cor azul.

Além da variação da umidade fazer com que a coloração dessa substância se altere, a variação de temperatura também é um importante fator. De acordo com a química Jennifer Fogaça, que escreveu para o Brasil Escola:

Em dias quentes (temperatura alta) o equilíbrio da reação se desloca no sentido da reação que absorve calor (endotérmica), que, nesse caso, é a inversa. O galo fica, então, azul. Já em dias frios, a temperatura baixa faz com que o equilíbrio seja deslocado no sentido da reação que libera calor (exotérmica), que, no exemplo considerado aqui é a direta. Nesse caso, o galinho do tempo fica rosa.

Sendo assim, o galinho do tempo não prevê o tempo. Ele apenas registra as condições atuais e para isso utiliza um sal (Cloreto de Cobalto II) cuja coloração modifica-se com as variações de umidade e de temperatura.

Ele, imponente, todo feito num material felpudo e áspero, estava colado em cima de uma base de madeira onde havia uma pequena legenda que indicava o que as diferentes cores podiam significar.

A casinha do tempo tem um mecanismo que funciona com a variação da pressão atmosférica. Quando a pressão cai, há possibilidade de chuva e o bonequinho sai pela porta onde diz "Chuva". Quando a pressão aumenta, significa que teremos possibilidade de tempo bom e quem sai é a bonequinha pela portinha onde diz "Sol".

Lembrando que não é um instrumento para uso científico, pois não foi calibrado para este fim e também não possui uma escala graduada em hPa (unidade de pressão atmosférica), por exemplo. No entanto é uma ótima opção para apresentar alguém que ama meteorologia.

Alguns modelos, como o da 9foto acima, também vêm com um termômetro de mercúrio, usado para medir a temperatura. Uma gracinha!

Ele, imponente, todo feito num material felpudo e áspero, estava colado em cima de uma base de madeira onde havia uma pequena legenda que indicava o que as diferentes cores podiam significar.

Se o Galo estivesse Azul significava que o dia seria de sol e calor. Mas ia mudando conforme o tempo lá fora mudasse também. Se o céu fosse ficando nublado ou com muitas nuvens, ele ia ficando noutro tom de Azul, que ia virando um tipo de Roxo até chegar a um tipo de Rosa, que significaria frio e chuva lá fora.

Ele não falhava nunca! A gente, ainda adolescente, não entendia a magia do galinho amigo, que tantas vezes salvava a gente de tomar "banho de chuva" nas ruas de terra, ainda sem asfalto.

Importante frisar que naquela época não havia serviço de meteorologia como hoje existe o Simepar e outros institutos dotados da mais alta tecnologia para a previsão do clima e do tempo.

A MAGIA DO "GALO DO TEMPO"

Conforme o tempo foi passando, a gente foi estudando e se informando, até conhecer o "truque" do famoso galinho.

Ele é fruto de um equilíbrio químico, a partir de uma solução aquosa de cloreto de cobalto II em sua superfície. Em dias quentes (temperatura alta), o equilíbrio da reação se desloca no sentido da reação que absorve calor (endotérmica), nesse caso, a inversa. O galo fica, então, azul, confirmando que o tempo será de calor. Nos dias frios, a temperatura baixa faz com que o equilíbrio seja deslocado no sentido da reação que libera calor (exotérmica). Nesse caso, o galinho fica rosa, confirmando que será um dia frio. Porém, em locais com ar-condicionado, a cor do galo acompanha a temperatura do ambiente, mesmo que lá fora o oposto se apresente.

Mais um lúdico artifício do que uma confiável fonte de previsões meteorológicas, o galinho encantava principalmente as crianças. Na casa dos avós e avós, ainda é possível encontrá-lo, dentro de alguma cristaleira, agora bem distante da condição de item obrigatório nos lares de antigamente.

E ele é cuidado com carinho, pois faz parte da história da vida de muitos de nós. Podia parecer um brinquedo, mas sua utilidade foi importante no dia a dia de uma legião de pessoas).

Fonte pesquisa Ítalo Fábio Casciola.

NR: Tínhamos em São Tiago, inícios do séc. XX, segundo consta, um fabricante de "casinhas do tempo" ou "do galo", o Sr. Anísio de Moraes, que se utilizava de azimute como solução. Nossos agradecimentos ao Sr. Márcio Resende Silveira pelo lembrete. Fica o registro.



Esse está vermelho indicando um dia úmido. O que eu tinha era igualzinho a este, antes do grave acidente (menciono adiante rs).

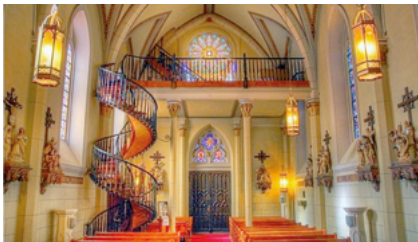


A história da Escada Misteriosa da Capela Loretto

- uma obra que intriga a ciência -

De Greice dos Santos

A capela de Loretto, fundada em 1878 como um anexo ao convento católico “Nossa Senhora da Luz”, é portadora de uma rara história. Construída na cidade de Santa Fé, Novo México, EUA, a capela de estilo gótico foi laboriosamente erguida pelo arquiteto francês Antonio Mouly.



Tudo começou com a construção da capela de Loretto, na cidade de Santa Fé no Novo México. Bloco a bloco, a bela capela foi erguida. As missas cristãs ganharam mais um lugar digno de serem celebradas. O arquiteto Mouly responsável pela obra foi assassinado com um tiro, antes que pudesse construir uma escada que ligasse o piso de cima ao piso térreo da capela, e quando o projeto ficou, finalmente, completo, um problema veio à tona: não havia a tal escada para que as freiras pudessem subir até o local destinado ao coral da igreja e que fica localizado um piso acima de todo o restante da estrutura.



Por causa disso, o coro da capela se via incomodado com situação de ter de subir ao piso superior por meio de uma improvisada escada de mão comum.

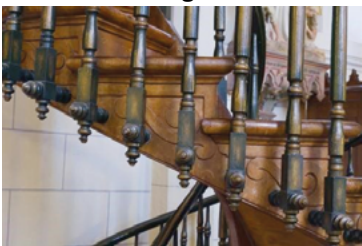
Como se isso não bastasse, praticamente não havia espaço para a construção de uma escada de última hora. Devido à situação perigosa e incômoda que representava a escada improvisada, as “Irmãs

de Loretto” decidiram realizar uma novena (rezar sem parar durante nove dias seguidos) ao próprio São José – que em sua vida foi um carpinteiro – pedindo por alguém que pudesse solucionar o urgente problema da escada.

Dia após dia, as irmãs rezaram sem que aparentemente nada acontecesse. Mas, no último dia da novena, alguém que se dizia portador da solução apareceu na frente da capela: um humilde forasteiro, cuja única posse era um burrinho carregado de ferramentas de carpintaria.

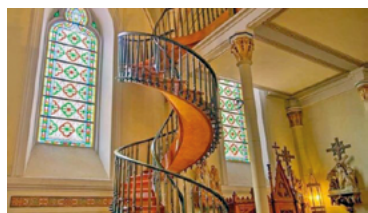
Tão misteriosamente quanto a sua chegada, o carpinteiro exigiu apenas duas coisas para desempenhar seu ofício: grandes cubas de água e três meses de privacidade dentro da capela. Dizem que ele só usou ferramentas primárias e dispensou até mesmo o uso de pregos!

As irmãs atenderam ao pedido. O carpinteiro trabalhava no mais absoluto isolamento. Quando as irmãs entravam na capela para rezar, o carpinteiro saía deixando grandes pedaços de madeira encharcados na água. Quando as irmãs se retiravam, ele voltava ao trabalho.



No dia em que a escada estava terminada, as Irmãs de Loretto organizaram um jantar de agradecimento. No entanto, o estranho carpinteiro não apareceu. Logo depois de concluir uma das maiores obras que se conhece na história da carpintaria, se foi sem deixar nome nem pedir pagamento.

A partir de então, a história da escada começou a se espalhar ano após ano. Tanto pela figura do enigmático carpinteiro como pela singularidade de seu trabalho, analisado em muitas ocasiões por arquitetos e engenheiros modernos. O tal voluntário acabou construindo uma escada em formato espiral, deixando todos intrigados com o fato de que a estrutura não tinha um eixo central.



As freiras acreditam que o tal homem era, na verdade, São José, protetor dos carpinteiros. Os mais céticos defendem a ideia de que

o carpinteiro era um francês chamado François-Jean Rochas.

33 degraus de beleza e mistérios.

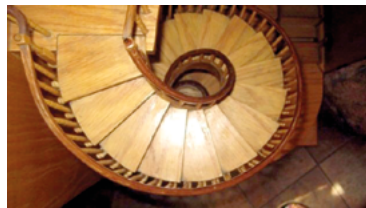
A escada de Santa Fé da capela de Loretto, na cidade de Santa Fé, é uma das escadas em espiral mais curiosas do mundo. Sua construção foi realizada sem ferramentas elétricas ou pregos, de modo que a perícia de seu autor foi muito além do imaginado, chegando a surpreender aos mais ávidos pela arte em madeira: a obra inteira não tem cola ou outros adesivos, valendo-se apenas de técnicas de encaixe para consolidar a estrutura.

Com duas voltas de 360°, a resistência da escada ao deslocamento vertical foi um dos enigmas que os cientistas demoraram muito tempo para decifrar. Tanto é assim, que até hoje muitos arquitetos e engenheiros acham que o corpo da escada possui um ponto de equilíbrio impossível de se conseguir segundo as leis da física.



Enquanto que a escada se sustenta horizontalmente por meio de um minúsculo braço de metal preso a uma coluna, a ausência de deslocamento vertical (efeito mola) sem a ajuda de um suporte central, não pôde até agora ser explicado de forma conclusiva. A teoria mais aceita diz que o raio interno da escada é tão pequeno que atua como um pilar “virtual” que estabiliza o caracol de madeira. Não obstante, há quem diga que é inútil qualquer explicação possível para a estabilidade da escada.

A origem da madeira com a qual se construiu a escada representa outra coisa intrigante na história da escada. Segundo os estudos dos mistérios de Loretto, a madeira da mesma, não é própria da região, foi identificada pelos laboratórios que o construtor teria usado um tipo da família Pinaceae do gênero Picea que também são chamadas de abeto ou spruce. Só não foi determinado nos testes qual dos vários tipos de espruces, porém, sabe-se que são encontradas



no Hemisfério Norte.

Um homem misterioso, uma escada enigmática, madeira que não é da região. Hoje, quase 144 anos depois de sua construção, a escada de Santa Fé gera mais perguntas que nunca. Dizem que muitas das Irmãs de Loretto que viveram na época da obra estavam convencidas de que o carpinteiro que acudiu à novena era o próprio São José que desceu dos Céus.

De qualquer modo, o prodigioso trabalho realizado na cidade de Santa Fé merece ao menos reverência. A capela dessacralizada funciona hoje como museu, atraindo mais de 250 mil turistas por ano.

Há quem diga que tudo não passa de uma lenda urbana, apontando alguns detalhes na construção que deixam dúvidas quanto à fama de milagre. Como podemos notar na imagem acima, não há um suporte central na escada, no entanto, em outras fotos que encontramos na net, podemos ver que há suportes fixando a escada nas paredes. Construída sem corrimão, a escada parecia uma mola (que era muito instável quando era usada pelas freiras) e teve sua primeira reforma – anos depois – quando o artesão Phillip August Hesch acrescentou o equipamento, dando maior segurança à construção. De acordo com o escritor Joe Nickell – na página 52 de seu livro “Real-Life X-Files – Investigating the Paranormal”, para se evitar acidentes, atualmente a escada está fechada ao público. Pode-se apenas tirar fotos dela. Subir? Nem pensar! Deve ser por isso, também, que ela esteja de pé até hoje!



A fama da escada é tão forte que fizeram até um filme com ela. The Stairgate ou O Milagre da Fé (título em português), de 1998, conta a história da Madre Madalyn (Barbara Hershey) e de seu sonho de terminar a construção da Capela antes de sua morte. Eis que chega na cidade um carpinteiro habilidoso que consegue terminar a construção da escada e, assim, a irmã pode descansar em paz.

AO PÉ DA FOGUEIRA



REENCONTRANDO O PASSADO

Cerca de 23 horas, quem sabe beirando meia noite. Dirigindo-se à sua residência campestre, nas adjacências da cidade, rotineiramente o fazia em sua camionete, só que, dessa vez, a pé, o jovem proprietário decide abandonar o caminho principal, optando pelo antigo, negligenciado atalho. Uma decisão instintiva, de momento. Roteiro que, na verdade, ele fazia pela primeira vez, desde que adquirira a propriedade há cerca de oito anos. Teria que atravessar, para tanto, as ruínas do que fora, no passado, portentosa sede rural, tida por muitos como local malfadado, palco de assombrações, em especial à noite. Ponto temido pelos supersticiosos, evitado pelos moradores e transeuntes. Os vestígios da faustosa vivenda, embora séculos idos, ainda eram eloquentes – imensas pedras de cantaria ali espalhadas, que, um dia, sustentaram e constituíram as fundações de soberbo solar, servindo a poderosos, aristocráticos senhores. Perversos alguns, infligindo hórridas torturas aos escravos, assim reza a província, pródiga oralidade. Atravessou o extenso corredor, marginado por fortificados muros, que funcionavam à guisa de cerca, igualmente resquícios da portentosa herdade de outrora. Ao final, uma larga, reforçada porteira de cedro maciço, que ele mandara confeccionar há pouco tempo, dando entrada para o vasto curral à frente.

Lua crescente iluminando, parcialmente, do alto, a paisagem. – O que seria, porém, aquele vulto à saída da porteira?

Mirando bem, o caminhante observa uma figura de branco, ora pairando aparentemente acima do muro, ora ao rés do chão. Parecia irrequieta, convulsa. À medida que se aproxima, já resabiado, ensimesmado, verifica ser a silhueta de uma mulher, envolta em rendada, incomum veste, parecendo remontar a velho figurino colonial. Aproxima-se maquinalmente. Decerto, alguma moradora daquelas paragens, talvez, com algum problema pessoal, uma alienada ou mesmo uma andarilha, porquanto movimentada ressoava, recentemente implantada, atravessava a região, renteando sua propriedade.

Acercando-se mais, pode perceber tratar-se de uma mulher, pelos seus vinte e cinco anos, o rosto transido por imensa dor, trajava-se de forma leve, vestido longilíneo, em cambráia, casacos, indo até os pés, sapatilhas rendadas já assaz puídas; mangas relativamente curtas, com franjeados talhes, fracionados recortes. O penteado repartido em pequenos cachos, com visível desgrenho, um simulacro de outrora bem cuidada cabeleira a que o vento, repetidamente, remexia.

– Estou procurando meu filho! disse-lhe a mulher, tão logo ele se aproximou, percebendo-se nela a mais funda dor, o coração em profusa sangria, torturante desvalia.

E depois, mais incisivamente, aos atropelos: – Óh, é você, o sinhozinho...

Até que enfim você voltou. Onde você esteve escondido tanto tempo?! Ah, você sabe, com toda certeza, onde está o meu filho?! O capataz, meu algoz e que me violentou, saiu com meu filho, há horas e não retorna... Sinhozinho viu, estava presente quando ele se afastou com meu filho...

Num lancinante lamento, roga: – Ajude-me a procurá-lo, senhor. Vos peço com todas as forças da alma, com toda a mais pungente dor de mãe em busca de seu filho...

O jovem proprietário busca controlar-se. Estaria diante de uma visão?! Em delírios?! Algum êxtase? Achava-se ante alguma louca? Enlouquecera ele?

Presente estar vivendo um momento sobrenatural. Fundo silêncio se faz por instantes, em todo o entorno e alongadas distâncias. Jamais pressuporia e sequer acreditaria estar adormecido sob sua consciência uma existência pretérita, paralela – presente e passado entrelaçados por linhas tão tênues, tão surpreendentes

Viu-se subitamente transformado. Uma porta feérica abre-se, súbita, à sua frente, entorpecendo-lhe os sentidos físicos. Parecia planar sobre inquietas, movediças paisagens – passagens de um tempo já distante ali surpreendentemente vivas. Via-se agora senhor, herdeiro daqueles mesmos domínios, quicá há uns dois séculos. A personagem ali à sua frente, que ora o interpelava, exprobando-o em altos, transtornados brados, era-lhe familiar – uma jovem exposta, ali criada por sua família e que se envolvera com um dos capatazes da fazenda. Ou fora por ele violada, como afirmava estentoreamente.

– Onde esconderam meu filho?! O pai dele saiu com meu amado filhinho, há algum tempo, até o pasto e voltou sozinho... Onde está meu filho?! O que foi feito com ele?! Era a jovem mãe, em prantos, cobrando há tempos a volta do filho...

Viu, vivenciou, então, nitidamente, o capataz em companhia de uma criança, o próprio filho de seus cinco anos, por ele convidado a passear e com malévolos intenções... E, que, num momento de desvario, negociara a criança com um mercador de escravos que passara pela região, dando por encerrada, insensatamente, a pendência com a desvalida mãe.

Era ela, a tresloucada mãe, uma prisioneira da tragédia secular – perdida, desolada, amedrontada, vagando no deserto do tempo à procura do pequeno, indefeso filho, que, um dia saíra em companhia do capataz e pai e não mais – jamais – voltaria...

Torna, enfim, a si. Por cenário, o silêncio da noite sinuosa, entrecortado pelo som de algum veículo notívago na rodovia adjacente... O passado reencontrado, convocado, que subjaz no âmago da mente – ali vivo, pulsante na cortina da noite... e dos séculos!

Realização:



Apoio:

